

**IDEIA; ORGÃO DO GRÊMIO LITTERÁRIO MARANHENSE. MARANHÃO, TYP.
REPUBLICANA /TYP. A VAPOR DA PACOTILHA/ 1893.**

ANNO I 01 MAIO - 28 JUL. 1893 - NS. 1,3-6

OBSERVAÇÕES:

- O ORIGINAL APRESENTA PÁGINAS MUTILADAS, MANCHADAS E/OU ILEGÍVEIS.

FALTA:

- N. 2 (MAIO 1893)

MUDANÇA DE TIPOGRAFIA:

**- ANNO I NS. 1,3 (MAIO, JUN. 1893) TYP. REPUBLICANA
- ANNO I N. 4 (27 JUN. 1893) TYP. A VAPOR DA PACOTILHA
- ANNO I NS. 5-6 (19-28 JUL. 1893) TYP. REPUBLICANA**

1 8 9 3

MAIO = N. 1

A IDEIA

Capital-Fidei

ORÇÃO DO GREMIO LITTERARIO MARANHENSE.

LIBERTAS QUE SERÁ TAMEN

INMEDIOMNIBUS PALMA POSITA EST

Redactores:—Augusto A. da Silva, Bento U. Costa, Raimundo G. Nino e João B. Lobato.

Por mox 500 reis, pagamento adiantado

Publicação quinzenal, por escripto.

Artigos de Litteratura publicam-se gratis.

A IDEIA

MARANHÃO 1.º DE MAIO DE 1893.

Apparecendo na arena do jornalismo como órgão do GREMIO LITTERARIO MARANHENSE.—A *Ideia* tem naturalmente definido o seu programma.

Desejando trazer o seu modesto concurso para o aperfeiçoamento do nosso meio litterario, a sua redacção tratará de todos os assumptos que directa ou indirectamente possam auxiliar a a conseguir o seu fim, procurando principalmente chamar a attenção dos eruditos para os pontos centravértidos da sciencia, compete-lhe portanto o papel modesto, porém util, do sapador que procura derrocar o baluarte dos preconceitos, e abrir o caminho subterraneo por onde mais tarde os sabios farão a sua entrada gloriosa.

Escrevendo sem paixão, discutirá sempre com calma e moderação, e embora acoisa discussão sobre ideas que expendier, embora as defenda com a energia que dá a convicção, não entrará cemtudo em polemicas que envolvam individualidades, quando, (como infelizmente muitas vezes acontece entre nós) as discussões litterarias se converterem em troca de doestros, ella, sem falso amor proprio, abandonará o campo ao contendor, deixando-lhe todas as honras d'uma victoria pouco invejavel.

A importancia do jornalismo é hoje uma verdade ascionatica.

Qualquer que seja a denominação que o seculo XIX receba do historiadador do futuro, é incontestavel que de si são os seus caracteristicos: a duvidal e o utilitarismo.

Hoje tudo se contesta, tudo se discute, desde o sagrado direito da propriedade, que os discipulos de Bristol e Panizza chamam um roubo, até a veneravel instituição da familia, que Schopenhauer combate pregando a theoria do amor vifo.

Receioso de ser esmagado na concorrência vital, o homem do seculo XIX é avaro de seu tempo, não pode por um momento desviar a sua attenção dos cuidados materiaes da existencia; como no antigo Egypto a sciencia vai se tornando patrimonio d'uma casta privilegiada — a dos sabios — que se encarrega de pensar pelo resto da humanidade, e communica o resultado dos seus estudos em artigos publicados nas revistas e jornaes.

Assim vão os livros sendo vencidos pelo jornal, e referindo-se a elles tem inteira applicação a phrase de Victor Hugo: *cuncti inveni cuncta*.

E' pois, tão honrosa quanto difficutosa a missão do jornalista, compete-lhe a educação do povo, a divulgação dos principios da sciencia, a cultura do sentimento artistico do meio social em que exerce a sua acção.

A redacção da «IDEIA», procurará cumprir o seu dever, tendo sempre diante dos olhos a imagem serena da verdade.

O PROGRESSO

E' bastante conhecida a enorme transformação que se tem operado na decantada—Athenas Brasileira.

Hie, o Maranhão, como que desconhecendo a preponderancia das letras sobre todas as manifestações da actividade humana, é quasi simplesmente industrial. Facto sum-

manente deploravel, e com que não se pode condonar a mocidade maranhense sempre avida de instrução, sempre avida de luz.

Se é exacto que o nosso estado tem permanecido estacionario na arena luminosa do progredir; se é exacto que a mocidade, por muito tempo vendou os olhos olvidando as sciencias e as letras, não procurando conservar o Maranhão no auge de gloria que conquistara, não é isso contudo presagio d'uma inacção permanente e completa.

São muitos os jovens maranhenses as aptidões litterarias. Si muitas vezes parecem succumbir em vergonhoso descuido, é porque inexperitos precisam de um mentor e este mentor não encontram.

Tal lamentação não podem fazer os rapazes que actualmente vivem entre nós tem ellas no Gremio Litterario Maranhense, o seu mentor ou antes o seu excitador, e é animaes com isso que ousamos dizer com toda altivez: *Está extincta a inacção litteraria*.

E vós, o mocidade lusila, não deixes amortallar em vossa inercia a gloria refulgente de vossos antepassados!

Abraçades com os livros trahai para que o Maranhão alem de Manchester, possa continuar a ser a—Athenas Brasileiras.—

QUADROS

Os panoramas, que nos offerce natureza inculta, nos trazem doces sensações e nos levan a templações mais demoradas as perspectivas que nos da humana com todo o seu

Dr. Guilherme de Albuquerque
S. LUIZ

Já tivestes ocasião de admirar um quadro agreste, apresentado pela vegetação brasileira, rica sempre de encantos e harmonia?

Creio que nem todos.

Embora sem as tintas necessarias para intentar um tal quadro, me atrevo com tudo com as poucas decoradas que tenho, a dar-vos uma ideia vaga e mui longe do real, d'um desses panoramas.

Viajava em um desses rios que em caprichosas voltas banham o Maranhão, traçando nesse abençoado territorio engraçados zig-zags.

Era de tarde.

Os ultimos raios do sol, desfallecendo no accazo, vinham ainda, como flechas de diversas cores, descansar na superficie do rio que cortado pela pequena canoa que nos sustinha, apresentava atrás de nós uma faixa de cores mais variadas que as do Iris.

Os dois homens que remavam, cujas vozes monotonas me traziam grande tristeza e recolhimento ao espirito, feriam, com uma rustica canção, o favonio que docemente soprando enovava a face do rio e balanceava ligeiramente a folhagem do arvoredado que nos cercava.

Deixei que os olhos se estendessem até o horizonte agora mais distante por um largo e extenso estirão que ostentava o rio.

Lá ao longe, como procurando esconder-se atrás das nuvens, apparecia um ponto cõr de palha era uma cabana.

A canoa, impellida pelo impulso que lhe davam os braços vigorosos dos dois remadores, sulcava as aguas com uma rapidez admiravel.

Então um quadro encantador, magestoso e digno de ser descripto por uma penna mais habil e vigorosa do que a minha (que já a sinto fraquejar) dezenhou-se ante meus olhos.

Em uma eminencia coberta de verde relva, demorava uma velha palhoça a dezabar: na frente della, erguia-se um copado e esguio coqueiro; cercando a pelos outros lados, arvores gigantesas cuja cõr verde, esbranquiçada n'umas e escuro n'outras, combinando-se com o azul do céu que pairava no alto, e reflectindo no crystal das aguas, dava ao rio uma bella cõr verde-azul.

Algumas dessas arvores eram cobertas de trepadeiras de diversas qualidades que cobriam-as como um enorme manto.

Esse manto movidoço, com a suspirante briza que passava, sacudia se lentamente, parecendo assim que a copa desses vegetaes gigantes, gyrava em torno do seo tronco.

O comoço em que ficava a cabana, que parecia dezabitada, tinha como que traçada entre a verdura, que o tapetizava uma sinuosa vereda que terminava á beira d'agua.

Alli flava um escaler.

Ao longe atrás das arvores ou por cima de suas ramãs, moviam se nuvens acizentadas nas quaes brincavam subtils relampagos. Alem ainda, atrás dessas nuvens, outras nuvens, coradas pelo crepusculo avermelhado que segue se ao pôr do sol dessas regiões.

Depois... o canto plangente e melancolico das nambús veio misturar se á toada dos remadores e dar mais poesia ao quadro.

No meio de tanta belleza nada mais senti... scismava.

Um espiral lufinozo dezenhou-se rapido nas nuvens pardacentas e um terrivel, formidavel e grandioso ribombar ferio o espaço e fez estremecer o leve casquinho que nos conduzia.

Os remadores pararam de cantar, as nambús emudeceram e eu tambem parei de scismar.

Olhei... não mais vi a poetisa palhoça... e novo panorama desdobrou-se ante nossos olhos, tendo como alto relevo o céu já matizado de estrelas.

Lobato.

VICTOR LOBATO.

Ha poucos dias, deixou de fazer parte da nomenclatura dos vivos, o prestimoso cidadão, cujo nome en cima estas linhas.

Dotado de vasta intelligencia, deixou V Lobato na sociedade maranhense, um vacuo difficil de preenchimento.

Se a escuridão dos tumulos envolve seu corpo, nem por isso seu nome será lançado ao olvido, eu tornar se ha indifferente a todos os que o conheceram.

Com tratamentos simples, soube o pranteado maranhense captar sympathias e estima de seus concidadãos.

Espirito emprehendedor, achou-se incompativel com a vida de empregado publico, e abandonando a V. Lobato, procurou uma athmosphera onde pudesse livremente respirar.

Tornou-se sacerdote da imprensa, e nessa nova phase de sua existencia o vimos ao lado de outras intelligencias não menos cultivadas, lutando pelos sublimes principios da verdadeira liberdade, estudando os homens e os costumes, e enfrentando com a siseudez do seu caracter altivo as questões mais importantes de então.

Foram muitos os desgostos que soffreu e comtudo não desanimou, embora escabrosa, e cheia de espinhos fosse a estrada que percorria.

Tinha elle o sangue frio de escriptor que trabalha em prol da humanidade, e sabia desprezar os doestos chocarreiros que lhe atiravam os apologistas de uma politica acanhada de meia duzia de thuriferarios que tinha por divisa—tudo pelo poder.

Victor Lobato tornou-se conhecido, creou diversos jornaes litterarios, e finalmente a «Pac-tilha» que ainda hoje existe, e na qual pela publicação de seus artigos deu inequivocas provas de seu talento.

Entre diversos artigos de interesse geral sobresahirão os que redigiu sobre a questão da abolição, em cuja campanha foi incansavel luctador.

Afastado da imprensa, por motivos imperiosos, Victor Lobato empregava o tempo que lhe restava dos afazeres da vida, em estudos uteis taes como da mechanica etc. e conseguindo enfim ser gerente de uma empresa de alta monta, como é a «Companhia de Fiação e Tecidos Maranhense» onde por sua urbanidade e independencia de caracter, deixou um nome digno de respeito.

Moço ainda, Victor Lobato podia muito fazer pela patria maranhense, da qual foi representante no seu primeiro Congresso Constituinte.

Como chefe de familia, foi exemplar, e pranteando o podemos dizer mais uma estrella deixou de brilhar.

o firmamento azul da nossa patria.

Assim escrevendo estas linhas em sua mimoria, cumprimos o dever de jornalista, rendendo preito ao merito e ao caracter que se não deixou polluir pelo vicio, antepondo se ao justo e ao honesto.

R. G. Nina.

O beijo

A. R. NINA.

Formando uma synthese desse sublime sentimento a que chamamos amor, direi, que o beijo é o grande aparelho que recebe e transmite a corrente electrica de dois corações que se amão!

O beijo é o primeiro signal de afeição com que a mãe suffoca nos labios do recém-nascido os primeiros vagidos, inflitrando nessa operação aemo os effluvios do seu maternal amor!

E' o doce laço que liga para sempre os corações dos esposos!

E' ainda nos labios dos amantes, a promessa mutua de uma vida inteira, e a de illusões e risos!...

E' tambem o primeiro passo dado no caminho da perdição.

Oh! o beijo! O beijo!

Quem pode comprehender o alcance dessa sublime palavra!

Na união de dois labios que se tocam quantos sentimentos sublimes se harmonizam?

Mas, tambem quantas mentiras, quantas effeições zombadas, quantos desgostos não survidos em um beijo?

Nos labios da donzella é o beijo o doce rectar sortido no calice de uma flor!...

Fica assim dada uma leve definição do beijo, pois tentar de finit-o cabalmente, seria tentar o impossivel.

Jorge Herbert

GREMIO LITTERARIO MARANHENSE

Fundadores.

Raimundo Gonçalves Nina
Arthur Carlos Barbosa
Bento Urbano da Costa
João Baptista Lobato
Raimundo Joaquim Carneiro Maia
Raimundo de Castro Pereira Rego
Raimundo Nogueira Pereira Rodrigues
José Bento Fernandes Veiga
Salomão Damasceno Ferreira
André Raimundo dos Santos
Duval E. Carneiro Maia
José Antonio Rodrigues de Mello

Sócios effectivos.

Augusto Ayres da Silva
Antonio Pires da Fonseca
Manoel Ferreira de Souza Coroaey
Antonio Leoncio Pereira Ferraz
Firmiano Antonio Saraiva
José Lima de Souza
José Maria Ramos d'Oliveira

Socio honorario

Arthur Carlos Barbosa

Socio benemerito

Raimundo Gonçalves Nina

Presidente honorario

Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro

Mesa administrativa

Augusto Ayres da Silva—P.
Salomão Damasceno Ferreira—V. P.
Raimundo Gonçalves Nina—1.º S.
Firmiano Antonio Saraiva—2.º S.

Supplentes de secretario

José B. Fernandes Veiga
Raimundo Joaquim Carneiro Maya

IMITAÇÃO

A' UMA ROSA SECCA

Por mim eu sei que ha confidencias ternas,
Um poema saudoso, angustiado,
Si uma rose de ha pouco emmurchecida
Rola acaso de um livro abandonado.

CASTRO ALVES

Secca rosa quem assim te enclausurou
Entre as dobras desse livro já sem fim?
Qual o ente sem piedade que assim
Duns labios tão mimosos te arrancau?

Em que collo tranquillo e perfumado
Viveste? qual a face angustada
Que em seu seio deixou assim gravada
A lagrima de um amor mal-fadado

Enquanto li nas varseas tão sombrias
Geme a brisa nas folhas psalmodias
Esperando os perfumes que exalastes;

O' rosa secca que en pranteo agora
Dize-me: que de beijos nesta hora
A não serem os meus vêm animar-te?

Gastão de Villars

Ao Gremio Litterario Maranhense.

E Deus responde marche!

C. ALVES

Guiado sempre por mestres,
O Gremio ha de marchar;
Passando por entre abrolhos,

Na sua meta ha de dar
Ainda na flor da idade,
Tendo por lema a verdade
E por Mentor a razão,
Buscando mundos brillantes,
Verá bellos horizontes,
Com livros sempre na mão.

Os seus passos serão firmes
Aliva será sua fronte,
Bem como o cedro entre arbustos
Que se alevanta no monte,
Tendo livros como espada,
Fitrará pela esplanada,
Pelo horizonte sem fim,
As palmas sempre de gloria.
Atiradas pela Il storia
Por anjos e cherubins.

Seo caminho matizado
Será de lindos tropheos
Que a grande posteridade
Lhe guardará como seos;
Da inveja os laços quebrando,
Trá um sulco traçando,
Um sulco feito de luzes
Caminha mui bem traçado,
Por outros nunca trilhados
Que para a gloria conduz

A futura humanidade
Ha de então cair-lhe aos pés
Da passada mocidade
Ha de inveja ter talvez.
(Deixando porém o futuro
Que sempre parece escuro)
O que lhe cumpre é marchar!
Tendo Lisboa por guias
Seteiro, Gonçalves Dias,
Não poderá elle errar.

Seguindo sempre de perto
Esses hemericos vultos,
Seguindo sempre com passos
Que não pareçam de adultos
De Odorico a magestade
A Gemes, que a mocidade
De glorias fez scintillar,
(Que importa... proza, poesia)
Trabalhe com harmonia
O que lhe cumpre é marchar.

LOBATO.

ESTATUTOS

no

GREMIO LITTERARIO MARANHENSE

CAPITULO 1.º

Da installação

Art. 1.º Fica creada na cidade de S. Luiz, capital do Estado do Maranhão, uma associação, denominada—GREMIO LITTERARIO MARANHENSE, cujos fins são: 1.º desenvolver as faculdades intellectuales dos seus associados por meios

de theses que serão postas em discussão; 2.º abitar os ás disposições oratorias; 3.º estimulal-os com debates ao estudo das sciencias e das lettras; 4.º coadunar os as lides jornalisticas por meio de um pequeno jornal.

Art. 2.º A associação se compoza de socios fundadores, effectivos, honorarios e benemerito.

Serão fundadores os que cooperarem para a fundação do «Gremio»; effectivos os que forem admittidos á associação depois de fundada; honorarios os que sem pertencer ao «Gremio» lhe prestarem relevantes serviços em que a ella pertenceo, se acharem ausentes (fora da capital) por motivo impeditivos, tendo, porém, cooperado para o engrandecimento do «Gremio»; benemeritos os que tiverem prestado importantes serviços a associação e estiverem presentes.

Art. 3.º A associação não poderá ser dissolvida enquanto houver cinco socios quites.

Art. 4.º O «Gremio» será dirigido por uma meza composta de um presidente, um vice-presidente, dois secretarios e dois suplentes de secretarios, eleitos annualmente, tendo além disso um presidente honorario.

(Continua)

PAGINA ALEGRE

Em presença de Ahmen, rei de Magaf, se achava um velho vergado pelo peso dos annos, que implorava o perdão de um grave delicto por elle commettido.

Ahmur, com tom galhofeiro, faces rissonhas que mostravam um coração amoroso pronunciou o seguinte: Gothe, eu te perdoo, mas ficarás obrigado a contar-me amanhã historias que me distraiam bastante; devers aqui estar as quatro horas da tarde, prompto como um alho: este é o castigo de teu crime, vai em paz.

Gotho, velho sisudo e amante da verdade, cabi-baixo, com o coração trauído de dor, deixa o palacio do rei e vai procurar amparo e consolação no seio da sua familia.

Ashir, filho unico de Gothe, com os olhos cheios de lagrimas por ter notado a tristeza e frieza com que seu pae entrara em casa, beija-o, o acaricia com mil palavras de consolo, e depois de muitos rogos, com o coração cheio de angustias obtem de seu pae querido a narração do infeliz successo, e lhe promette exercer devidamente o encargo que recebera Gothe, por causa de seu crime.

No dia seguinte um mancebo com

passos firmes, e resolutos subia a escadaria do palacio do rei.

Logo que chegou a presença do monarcha, assim fallou:

Sabei Vossa Magestade que meu pae pae está doente e que eu como seu filho directo, venho receber as penas que mereceria.

Ouvi-me.

Era de manhã; o sol com suas madeixas reluzentes, allumiava o cume dos montes; a brisa agitava levemente os cabellos de quem quer que estivesse no pateo de nossa casa; nessa hora parte para as florestas, em busca do n.º e fructos alimentos quotidianos de nossa familia.

Pondo em meus hombros o machado e na cintura o facão, segui lentamente o caminho que conduzia ao sitio das abelhas.

Por felicidade minha encontrei logo uma abelheira; ao primeiro golpe que descarreguei na arvore, com grande admiração minha, cahiu aos meus pés um anzol, repeti a carga e logo appareceu um rolo de linha de pescar: tudo isto trazia para Vossa Magestade.

Logo acabei de tirar o mel, contei as abelhas que estavam no cortico e notei que me faltava uma, fui pelo rasto d'ella e adeante fiquei estupefacto, contemplando o espectáculo que se desenrolava aos meus olhos: a abelha de que falei estava sendo comida por sete lobos.

Com meu cão de caça o Quebra-mato consegui tomar um quarto da victimna, e d'elle extrahi sete kilos de manteiga para Vossa Magestade. Tomei o caminho que conduzia ao rio e ali em poucos minutos preparei a linha de pesca lancei-a n'agua.

Quasi caia de prazer quando vi que puxava pelo anzol um asno; tentei de novo a sorte e sairam me consecutivamente um par de malas, e depois peguei peixe, peixe e muito peixe. Carreguei tudo isto no meu burresco para Vossa Magestade; porem quando cheguei em casa, vi que o pobre animal estava pisado por causa do grande peso dos peixes; ensinaram-me que tozesse na pisadura fava, e não sabendo se devia ser crua ou cozida, recorra ao meio mais expedito escolhi a fava crua e deixei que meu burresco pastasse pelos campos.

Ao cabo de alguns dias, creio que sete, divagando eu pelas margens do rio espiaando o ar fresco da manhã, me espantei vendo que uma porção de matto caminhava como se uma força sobre natural a impellisse.

Feliz ou infelizmente, o tal matto caminhador, passou perto de mim, e transportado de jubilo comprehendí que meu burresco trazia um grande faval

em suas costas; amarrei-o immediatamente e tratei de fazer a colheita, pretendendo trazer tudo que resultasse para Vossa Magestade.

Como, porem me demorei bastante, uma vara de catitú quasi destruiu o faval, tendo podido por felicidade, coher sete alqueires e meio de favas para Vossa Magestade.

Nesse ponto o rei tomou a palavra e disse: Cala-te, filho, cumprida está a tua missão; se meates assim, como não mentará teu pae?

NOTICIARIO

Toda correspondencia deste jornal mais negocios relativos ao Gremio deverão ser dirigidos á rua da Paz n.º 41.

No dia 8 do corrente completa 21 primaveras o bacharel João J. Fernandes Veiga, irmão do nosso com-socio José B. Fernandes Veiga.

Comprimntamos.

Recebemos o primeiro numero do jornal O Athenas—orgão da classe estudantal.

Agradecemos a oferta e desejamos que longa e propicia lhe seja a existencia.

Por motivos imperiosos deixa «A Ideia» de em seu primeiro numero manifestar a direcção de seu vôo, e a estrellla brilhante que a attrahe do porvir.

E de crer que os nossos benevolos leitores esperem sobre a litteratura d'este nosso humilde periodico, alguma, cousa solida, desde que como jovens, não nos podem ser indifferentes as crises porque tem passado e hade passar a nossa—Amada Patria.

Pretendemos satisfazer brevemente esta justa curiosidade do leitor, ainda que seja lamentando sobre suas ruinas, o Brazil de 89.

Houve, como foi annuciado, no dia 23 do mez proximo passado sessão extraordinaria do Gremio Litterario Maranhense.

N'ella tratou-se dos festejos da sessão solemne que deve haver no dia 13 de maio, e marcou-se uma thesa o que se deve preferir a riqueza permanente ou a sabedoria a qual será brilhantemente dissertada pelos jovens Bento Urbano da Costa e Manoel de Souza Coaracy, na primeira sessão ordinaria no dia 7 do corrente.

Maranhão—Typ. REPUBLICANA DE A. DE FARIA.

A. P. de S. Theodorou publicador
do Rio de Janeiro

ANO I

MARANHÃO, QUINTA-FEIRA 5 DE JUNHO DE 1893.

NUMERO 3

A IDEIA

ÓRGÃO DO GRÊMIO LITTERARIO MARANHENSE.

Membo Honorario
de S. E. L. L. L. L. L.

VERTAS QUE SERÁ TAMEN

INMULIO OMNIBUS PALMA POSITA EST

Redactores:--Salomão D. Ferreira, Bento M. Costa, Robinsono G. Nina, Sebastião Nogueira

Por vez 500 reis, pagamento adiantado	Publicação quizenal	Arquivos de Litteraria a preço de custo gratis.
---------------------------------------	---------------------	---

A IDEIA

MARANHÃO 8 DE JUNHO DE 1893.

As Injustiças da historia I CATÃO.

Embora seja de bom gosto fallar-se, nos artigos dos jornaes, na serena imparcialidade do historiador, ninguém se ilude, contudo, sobre o valor dessa afirmação, todos sabem que a lenda está muito longe de ser « o po. n a epico da verdade, » como a definiu Lamartine.

Como Homero, os historiadores também dormitam algumas vezes, têm preferencias e antipathias; quando querem elogiar qualquer personagem, sabentam todas as suas boas acções, e occultam cuidadosamente os seus vicios e defeitos.

Catão pertence ao numero dos felizes; graças á boa vontade dos historiadores, o seu nome symbolisa o conjunto de todas as virtudes civis e domesticas, e chamar a'guem Catão, é fazer-lhe o maior elogio.

Entretanto quem actualmente procurasse pautar a sua vida pela a do austero romano, se conseguisse evitar a acção das leis geraes, não escaparia certamente á censura moral, seria considerado um individuo de duvidosa reputação.

Apesar da moralidade dos seus costumes, Catão não trepidou em alugar a Hortentius, sua mulher Martia, e depois da morte do locatario, tornou-se respeitável, vivendo com ella como se nada tivesse havido.

É certo que o illustre Lubbock, procurando defender Catão, diz que os

romanos tinham por habito alugar as mulheres; mas não podemos aceitar como verdadeira esta affirmacão, apesar da admiração que inspiram os a eminentes naturalista inglez, porque Cesar no seu « Anti-Catão » cita o facto do alugar para provar a corrupção do cãpo, o que de certo elle não faria si se tratasse de uma pratica usual.

Como os romanos não tiravam o trovão um signal da coroa dos deuses, os romanos não tiravam o trovão do ruído da tempestade, batendo em grandes latas, affirmam de conseguir o adiantamento dos comiçes.

Devemos dizer para ser justo, que, com esse estratagemas, Catão embaracou algumas vezes os planos ambiciosos de Cesar, podendo, portanto, alugar em seu favor a maxima politica de que o fim justifica os meios.

Escrevendo sobre a economia agricola, Catão aconselhava aos agricultores que não conservassem os escravos velhos, dos quaes deviam procurar vêr-se livres por qualquer forma. (1)

Apesar de equiparar nas seus escriptos a usura ao homicidio, Catão dizia á seu filho que era preferivel ser usurario á ser agricultor; elle mesmo emprestava dinheiro a juros excessivos, e causava inveja a um judeu, e era impiaavel com os seus devedores. (2)

A elle devemos a idea da sociedade em commandita, segundo nos refere

(1) Vid. D. Walton — « Histoire de l' esclavage dans l' antiquite. »

(2) Vid. Antonin Delonno — « Desmaniers d' argent a. » Rome

Plutarco (Cato in Arcion n.º 2), Catão exigia que cada um dos seus devedores carregasse um navio com mercadorias, e fosse vendê-las onde achasse melhor preço, ficando elle com uma parte nos lucros; graças a essa feliz combinação, elle tinha grandes interesses, arriscando uma pequena capital.

Os seus inimigos affirmavam que a temperança não estava incluída no numero das suas virtudes, e que, quando não tinha a firmeza habitual.

Deixando, porém de parte esta accusação, está evidentemente provado pelo testemunho de escriptores acima de toda a suspeita, que Catão alugou a Hortentius, sua mulher Martia, tornando a recordação de depois da morte do locatario, que mandava imitar pelos seus escravos o ruído do trovão, affirmam de conseguir o adiantamento dos comiçes que era um usurario perseguindo sem piedade aos seus devedores. Basta isto para demonstrar a injustiça dos historiadores com relação a Catão, o qual não pode ser considerado homem de bem mesmo numa sociedade mediocrementemoralisada.

(Continua)

O PECCRESSO

É grandioso o aspecto de uma cidade em cujo coração a industria gravou o seu lisougeiro senhorio.

O optimista que, collocado em um ponto elevado podesse abranger com a vista todos os tectos, ficaria repleto de jubilo ao contemplar as esornas chaminés que tendo sua origem sob o solo, erguem-se altivas e como

que orgulhosas, lançam suas vistas sobre longínquos horizontes, porque nada lhes impede de fazer.

Realmente a industria impõe-se á nossa admiração desde que occupa elevado logar na chronica do progresso, e não pretendemos negar que o ruido das machinas é sublime, porque n'elle actua a vida e proclama sua soberania um povo que venera o templo do trabalho.

Porem ainda mais sublime levanta-se a litteratura por sobre o gigante do—pensamento e ultrapassando essa fragil obra construída pela mão do homem, perde-se no infinito d'onde seu som repercute-se ás gerações que estão de pé ás que se vão levantando.

O movimento das machinas não perturbam os sabios em suas meditações e antes lhe dão exemplo de vigor e actividade.

Vemos, pois, que tanto as lettras como a industria são elementos de progresso e indo este aqui se desenvolvendo, é necessario que as lettras como mais precisas, não sigam decuradas.

E' preciso dizer á mocidade que a si está confiado esse precioso thesoouro de recompensa, as benções em que este Estado é prodigo para os filhos que o sabem amar.

A nossa industria é invejavel, mas não basta, e o Maranhão de Gonçalves Dias se envergonharia se o amortalhassem nas glorias que o illuminaram no passado.

Restabeleçam-se pois as lettras moribundas: de cada escola surja um jornal e assim realizar-se-hão os sonhos do velho obreiro d'Allemanha.

QUADROS

Ja a tarde cahindo e no poente—
Bellas nuvens coradas se vizava;
E o sol, o rei do dia, mansamente
Da terra a face triste illuminava

Mais alem outras nuvens amarellas
Dezenhavam no céu paizagens mil,
Ao longe, lá nas regiões ethereas,
Espreitavam as estrellas, do alcantil.

Tristonho contemplava a natureza
Escutando o gemer do grande mar,
Cujas ondas, na praia, com braveza,
Corriam feramente á se quebrar.

Depois eu vizei quasi escondida,
Em um lençol do mar, por entre
brumas,
A feiticeira Deusa que nascida
E' das caudidas flores das espumas.

Eu a vi, era altiva na postura
Tinha encantos de mais para ser
Deusa...

Não tinha aquelle imã na cintura
Qu'as divindades prende com dureza

O seo traje era simples mas composto,
Abriza levantava seus cabelos,
E a propria natureza tinha gosto
De na linda cabeça d'ella vel-os

Vinha toda cercada de mil flores,
Os seus labios mimozos eram rozas...
Mas pintal-a sem ter as bellas cores
Que ostentavam as suas faces primo
rozas?!

Aveludado pallido no rosto...
Co' uma roza mimoz de carmim...
Uns olhos bellos... tudo era disposto
A roubar lá do céu um Seraphim.

Depois co' um sorriso lindo, doce
Innuñt-lou a minha alma de prazer;
Ah se ainda feliz uma vez fosse
D'a encantada vizão sorrindo ver.

Perguntei suprendido quem era ella
Que a noitinha assim me apparecia.
Que sahia do mar e que mais bellã
Do que a estrella da tarde parecia.

« Eu sou filha do mar, no mar nasci,
Me fitando á esconder-se ella dizia;
« Esquecia... também sou eu de ti...
« Sou Estrella do Mar, eu sou Maria;»

Abro os olhos inquieto, nada vejo,
Ouço o fero bramir do fero mar...
E conheço então com grande pejo
Que imbecil estivera a dormirar.

EDUCAÇÃO

Indubitavelmente é a educação moral a base de todas as virtudes, devendo por isso ser ella o nosso primeiro cuidado para com os nossos descendentes.

Quando os queremos afeitar para as lutas sociais devemos antes de tudo illustrar seus espiritos com principios moraes e de boa educação; instigá-los por meio de bons exemplos a amar a patria, não permitindo que o subjugue por outro amor que prove-nha do seu proprio.

O homem bem educado em principios moraes, é virtuoso, o que mais almejamos, e mostra em seu procedimento assim realce a suas acções.

Para educar qualquer pessoa moral ou physicamente não devemos empregar castigos rigorosos, como comumente acontece, porque o homem que experimentar tão rispida educação fica ordinariamente com caracter fraco, e muitas vezes predisposição para o idiotismo.

O castigo deve pois ser moderado e acompanhado de circumstancias que estimulem o delinquente á vergonha.

O trabalho educativo applicado á humanidade tem tres optimas consequências:

1.º o desenvolvimento physico cujo fim é a elasticidade dos orgãos corporaes;

2.º a educação moral que fôr o nosso caracter ornando-o das virtudes sociaes;

3.º a educação intellectual cujo fim é o desenvolvimento de nossa intelligencia, illuminando-a com os conhecimentos que a humanidade tem accumulada pela herança litteraria, scientifica e artistica que os seculos que falecem legam aos que surgem, e que nos habilitam ás varias applicações da industria humana.

Antonio Leencio.

UM SONHO

A' Adi Agiev

Quando rompia a alvorada
Do sol ao mago fulgor,
Quando a brisa soletrava
Um idyllie cheio d'amor,
Quando as garças voejando
No lago vinham beber
A rola meiga acordando
Começava o seu gemer

Nessa manhã tão saudosa,
Em que o sol beijava as flores,
A tua face de rosa
Beijei por entre rubores;
Nessa manhã tão formosa
Em que sentado ao teu lado
Ouvia a queixa amorosa
Do teu peito apaixonado.

M'abraçastees n'um momento,
Me disseste toda em pranta,
« Vou partir, meu pensamento
Tera sempre este amor santo »

Partiste — chorei tristonho
A tua ausencia — criança!
Essa manhã foi me um sonho
Que guardo sempre em lembrança.

R. G. Nina.

A reconciliação

I

Era uma d'essas bellas manhãs do clima temperado. O sol erguendo-se pouco a pouco com seus raios dourados lampejos, inundava a terra de uma claridade magnifica. O céu era do um azul tão encantador, como o bello céu da Italia, reflectindo seu manto azulado nas aguas furtivas cores do golfo de Napoles — o mais vistoso e bello do globo, segundo a phrase autorizada de um escriptor eminente — ver Napoles e depois morrer.

Os festivos passarinhos, soltavão harmoniosos gorgeios, que sibilavão no espaço, produzindo doces accordes qual lyra de Orpheu. As borboletas deudas esvoaçavam contentes, e de quando em quando beijavam as crystalinas aguas de um regato que soberbamente a natureza alli fizera brotar como para galanteio e primazia do arrabalde.

Os multicores beija-flores, quaes aves celeste, expandião suas canções arruilladas e de subito pousavam n'umás miniosas açucenas para sugar-lhes o pollen, — germen da sua vida. O zephíro suavemente soprava por entre os gigantes arvores, deixando o chão inundado de folhas, algumas das quaes iam ter a longínquos pontos.

O formidável vulcão Vesúvio, esse escoadouro da Terra, ostentava-se soberbo na amplidão, d'el-lo mais elegancia á rainha das rainhas — Napoles. Toda a natureza sorria alegre e garbosa.

II

Didone passeava nas margens pittorescas do Dorylao, pequeno rio que vertendo d'un monticlo, desliza suas aguas por apraziveis logarejos e finalmente despeja-se attivo no canaloso Tibre, que ufano e arrogante fortifica vistas e campos e pastanciosos montes como o Aventino, o Palatino despenhados-se após longo curso na bahia Bechmantort, banhando os tal qual elle permanece incolume no in-

pés da interessante Palmyra. A Palmyra edificada pelo sabio rei Saionão — a sabedoria por excellencia, no meio dos esterios desertos da arenosa Arabia como que surgindo do nada — da ardentina areia; succedeu a novíssima Palmyra como qua emergindo das alfofaradas aguas do Tibre — é a Whigt Italica. Didone, errava sem destino nas margens do decantado Dorylao qual Ulyses, contemplando o esplendor da natureza, a magnificencia do terreno com seus accedentes, a disposição colossal das arvores, o bramir continuo das aguas á lamher a soberba Palmyra, o turgido inclinado a cortar as bulhosas ondas, o céu com seu azulado e as nuvens ligeiramente sumido-se no espaço; quando juncto á si divisa uma gentil loarita, de olhos azues, trajando nivea roupa accordando á sua alva cor rosada, labios nacarados, madeixas anneladas, verdadeiro *typo-modello* oriental, com uma voz doce *au même temps* condoida á intagar-lhes, qual o motivo porque se entregava a muda divagações. Assim se exolcava ella: — Didone, o que sentes? Qual o crime que commeteste? Será alguma trama que te atormenta? Se isto não é porque te tornas melancolico, hesitante e dado ás divagações? Diz-me, oh! amado Didone.

III

Zulmira de Lucy era seu bello nome que condizia com seu formoso molde oriental — prototypo da belleza. Didone sensível não soube resistir a tanto encanto e a mimosa pergunta de Lucy, a virgem que elle idolatra.

Lucy meiga com um sorriso doce nos seus labios — duas pétalas, de Monte-Christo, esfigura-se-lhe uma visão, um Anjoque lhe vem trazer o balsamo para suas chagas amorosas, sendo ella a cu-culice n'este soffrer infrenue. Didone experimenta quebrar-se todos os elos, vingativos, que antepu-lham-se ao seu sentimento amoroso, percebe-se vencido diante de Lucy, confessa sua fraqueza Didone vendo despedida sua fôrta *dusindana* — armada virginea, proferio em resposta á Lucy, estas palavras: — Lucy arrisquei-me a um crime contra o qual brada alternativamente a minha consciencia. Esse crime qua de justiça mereço ser punido com o catafalco — é o amor que te consagro e audacia que me revesti em *atentado* — o tal qual elle permanece incolume no in-

imo d'alma Lucy, castiga-me, assassine-me destrói este coração que é o sorvedouro de um amor que so tu soubestes infundir. Fere este peito tão sensível e que soube conservar illeso um amor que só fôrta licito á beijar-te e He-loisa, Paulo e Virgínia. Lucy, por sua vez confessa-se vencida, implora o perdão e em signal de reconciliação e ardentissima *amitié* soon na vastidão do espaço o estalo de um forte e soffrego beijo.... Seus labios collados, vião-se presos por um beijo ideal. Quem os presenciasse n'esse instante julgaria admirar o sublime quadro *«Amor e Desamor»* de grande esculptor Miguel Angeli. Al-mavão-se..... Um beijo fôrta a reconciliação como o perdão fôrta o amor.

Thermyson Montmarbre.

ROMANCETO

« O abraço no mar »

(IMITAÇÃO D'UM QUADRO)

POR

Ziôr Ocídik.

Ascena passou-se em França no anno de 17...

Leitores.

Arino era filho d'uma fidalga, filha do Conde de Chartreuse; era seu pae um fidalgo, que nas vespas do casamento fugira cobardemente por ter lançado na frente do honrado Conde uma mancha sendo esta a deshonra de sua estimada filha.

O mancebo que veremos figurar no ultimo capitulo, desposara-a por uma somma consideravel. — Não sei diservos charos leitores, se foi por vexames ou por praseres que abandonaram as sociedades do elegante Paris para irem habitar em Napoles nas praias da Margelina que se elevam por baixo do tumulo de Virgilio, nas visinhanças do Monte Pausilippe.

I

Na cabana

Era uma manhã de Outubro.

O orvalho banhava de alfofares as verdes relvas que se estendiam pelo chão, semelhante á uma rica tapeçaria. O sol com sua fronte brilhante, rompia as nuvens purpuras do Horizonte, indo dou-rar os cumes dos mais elevados rochedos. Aqui e acolá sobre as arvores, os passarinhos soltavam seus melodiosos gorgeios como que sollicitando ao Creador da encantadora manhã. A cascata

despejando suas aguas crystallinas, as vinha lançar pouco a pouco nas margens do rio Senna. Enfim, era uma dessas manhas como meus leitores não precisam calcular.

Em frente d'uma humil e cabana, em um banco de madeira e de pobre construção, via-se sentado. um rapaz que ter-a-nunca menos de seus vinte annos de idade. Trajava vestimentas campestres, porém, com elegancia e simplicidade. Sua tez era alva e rosada, seus olhos azues e serenos, trazia consigo um olhar ingenho e agradável.

Estava pensativo. Com o rosto erguido, olhava fixamente para uma grinalda de vivas cores que ostentava a parede da cabana.

Um profundo silencio reinava. Uma vós estranha que parecia partir da herdade, veio perturbar o silencio do nosso joven personagem.

O mancebo como que sentindo que a vós não lhe era estranha, comçou a olhar fixamente para o interior da modesta habitação. Um vulto de mulher appareceu á porta, bella como um anjo, trasia nos labios um sorriso de candidez proprio (como diz Raposo Junior) das virgens apaixonadas.

Aproximou-se, do joven e olhando-o com ternura, depoz-lhe um beijo na testa.

O mancebo recebeu aquelle osculo terno, revestido de contentamento d'um verdadeiro amante do bello sexo e sentando-se ao lado d'este, chamava com placidez uma cabrinha que testemunhava aquelle encontro diario. Esta obedecendo, veio deitar a felpuda cabeça no seio alabastrino de Ilud.

Arino, —dis e lhe ella depois d'um curto silencio. «Meu pae partirá para Nápoles por todo este mez. A causa d'esta partida é o nosso amor, —foi-me franco em dizer que não sacrificaria o amor do sua filha pelo d'um altoíão...»

Arino não podendo escutar aquellas palavras para elle uma sentença de morte, cahira no chão como que fulminado.

Ilud cheia de resignação e bastante ocragem, tomou-o nos braços e comçou a beijar-lhe as faces que estavam pallidas como as d'um cadaver. —Os olhos d'elle estavam cerrados, e não sabiam de seus labios aquellas palavras amáveis com que tanto animava a sua querida Ilud.

Dos olhos da donsella corriam lagrimas brilhantes que banhavam o corpo immovel de seu querido Arino.

«O que fiz?! exclamou ella depois d'um longo chorar. Matei-o com as minhas palavras acerbas!! Meu pae! —es um ingrato!!...»

A natureza em flor, testemunhava a quella triste scena—victima da vaidade Arino abrindo os olhos e macarando os labios, sorriu-se. Estava pallido como o Martyr do Golgotha ao receber os primeiros ultrages dos *Deicides*; sorriu-se, porém aquelle riso não era o da alegria mas um riso de fêl que he assomava á face. Aquella *candidez* de outra tornara-se levida como uma estatua no famoso templo de Syão.

Ilud não deixava de affagá-lo com carinho e amor.

Decorreu-se seguramente uma hora e Arino pouco a pouco restabelecia-se. Erguendo com muito esforço um olhar languido em Ilud disse com a voz um pouco tremula: —Serei o que desejarem?!

Estas palavras proferidas pelo mancebo, foram tão termas e tão melancolicas que teria feito contristar o mais corrupto assassino.

Ilud escutando as termas palavras d'aquelle a quem tanto amava, apertou-o em seu coração de criança innocente dizendo: —Morrerei por ti!!...»

(Continua.)

ESTATUTOS

do

GREMIO LITTERARIO MARANHENSE

CAPITULO 4.

Dos direitos dos socios

Os socios terão direito de:

Art. 16. Votar e ser votado para qualquer cargo.

Art. 17. Votar nas questões de interesse do «Gremio».

Art. 18. Emitir sua opinião sobre as theses, propostas dos socios, e admissão de pretendentes.

Art. 19. De um n.º de jornal.

CAPITULO 5.

Do presidente

Art. 20. Abrir e encerrar as sessões, assegurar-lhes a boa ordem e dirigir-lhes os trabalhos.

Art. 21. Chamar á ordem os socios que tiverem transgredido as disposições dos Estatutos.

Art. 22. Nomear comissões para tratar dos negócios do «Gremio».

Art. 23. Marcar theses e designar o socio que tiver de dissertar sobre ellas.

Art. 24. Emitir sua opinião sobre as decisões quando n'estas houver empate no numero de votos.

§ Unico. O presidente não poder intervir nas discussões sem deixar provisoriamente a cadeira presidencial.

Art. 25. Tollerar a palavra ao socio que se desviar das disposições de que tratão os arts. 12 e 13.

Do Vice-presidente

Art. 26. Ao vice-presidente compete: § Unico. Substituir o presidente em suas funções.

(continua)

São nossos representantes

Mandos:

Abelardo de Castro Pereira Rego

Perambuco.

Leopoldo Augusto da Silveira.

Interior do Estado

Rapicury-mirim

D. Marianna Luz

Cariús

José Alexandro d' Oliveira

Alcantara

João d' Araújo e Silva

Estado do Piauí;

União.

Benedicto Rego

Campo-mirim

Valdivino T. to.

Recebemos o n.º 1.º da «Gazeta Escolar» organ do Instituto Maranhense.

São-nos sempre gratas as aparições de jornaes, jámais dos que como «A Gazeta Escolar» São bem escriptas. Almejamos ao illustrado e legi, longa existencia.

Fomos visitados pelos honrosos collegas: «O Diaro de Noticias» do Pará; «O Commercio do Caxias», «O Operario» e «A voz do Estudante», «O Estudante» e «O Gringo de Therzina».

Ficamos intimamente gratos. Do representante do «Gremio Litterario Maranhense» em Recife recebemos a «Inquisição de Portugal».

Receba o S.º Leopoldo Augusto da Silveira os nossos sinceros agradecimentos.

Retrou-se para Mandos Sr. Abrah Tarasuk.

Typ. Republicana de S. A. de Faria.

A IDEIA

Orgão do Gremio Litterario Maranhense

Libertas quæ sera tamen

In medio omnibus Palma Posita Est

Anno I

Maranhão, 27 de Junho de 1893

Numero 4

EXPEDIENTE

A *Ideia* publica-se duas vezes por mez em dias indeterminados.

Redacção á rua da Paz n. 19 — Pavimento terreo.

ASSIGNATURAS:

Capital—500 reis mensaes
Interior—600 «

PAGAMENTO ADIANTADO.

Artigos de litteratura publicam-se gratis.

Redactores—Salomão, Nina, Costa e Nogueira.

Aos nossos assignantes

Rogamos aos nossos assignantes que se achão em atraso, o obsequio de mandar satisfazer suas assignaturas.

Como também, é condicção de assignatura o pagamento adiantado, e não estranharemos este nosso pedido, desde que considere que, sem o concurso efficaz dos srs. assignantes, por meio do pagamento da assignatura em tempo, será impossivel manter uma empreza como a nossa.

Continuamos a contar com a coadjuvacão de V.V. SS. e esperamos, por isso, que dignar-se-hão de acceder ao nosso pedido.

A IDEIA

As DEPOSIÇÕES

Embora ainda se observem symptomas indicadores de

não ser radical a cura, com tudo parece que a mania das deposições, já não está no seu periodo agudo.

E, portanto, occasião de estudar esta *nerrose social*, afim de verificarmos si se trata de um phenomeno novo na vida dos povos, que irrompesse violentamente no Brasil, sem continuidade historica; ou, si pelo contrario, o facto em questão tem se reproduzido em todas as nações, principalmente quando ellas atravessam um periodo de transformação.

Em que pese á nossa vaidade, é forçoso confessar que nesta materia de deposições, não temos absolutamente o direito de pedir *brevet d'invention*; a mania das deposições tem affectado, mais ou menos gravemente, a todos os povos.

Para provar esta nossa asserção, basta dar-mos um passeio a *col d'aucau* pelos dominios da Historia. Começemos pelo povo hebreu. Cançados de aturar a corrupção dos juizes, os israelitas quizeram ter também o seu rei, como os outros povos da vizinhança; ainda que a contragosto, Samuel fez-lhes a vontade, *acclamando* rei a Saul, homem alto como uma torre e forte como um toiro.

Empossado no seu elevado cargo, o novo rei não quiz ser constitucional, o qual *reina e não governa*; pelo contrario quiz concentrar em suas mãos o poder secular e o religioso, commettendo as maiores atrocidades e injustiças.

Aproveitou-se disto habilmente David, (rapaz que sabia muito bem atirar pedras, e tocar harpa) o qual conseguiu adquirir a estima publica quebrando a cabeça a Goliath, general dos philisteus, e o pobre do Saul, tendo perdido o amor dos seus vassallos, *ceder ao imperio*

das circumstancias, como se em diz em linguagem moderna, e espetou-se na sua propria espada!

Não conseguiu David entrar desde logo na posse mansa e pacifica da pingue herança do seu sogro, por que seu cunhado Isboseth, forte com o apoio de algumas tribus, se fez também acclamar rei, e durante sete annos deo-lhe *agua pela barba*, si é que David usava *barba*, ponto esse ainda controvertido.

«Parece que o que aconteceu a Saul, tem todos os caracteristicos de uma formal deposição, a qual só differe das nossas em ter havido *arrastamento de sangue*».

A historia dos romanos, é uma serie de deposições, desde as do rei Tarquinio, o Suberbo, e do decemviro Appio Claudio, por causa de Lucrecia e Virginia, até as dos ultimos imperadores, postos e depostos pelo exercito, naturalmente em nome da nação.

Apezar da sua civilisação, e brandura dos seus costumes, os gregos também usavam e abusavam do direito das deposições.

Pisistrato, foi deposto do governo de Athenas; conseguiu assumir o governo novamente, casando-se com a filha dum chefe popular, mas não sendo bommarido, foi deposto pela segunda vez, conseguindo, porém, ainda uma terceira acclamação.

Depostos foram successivamente os governos dos *Quatrocentos*, dos *Trinta*, e o primeiro governo do *Des*; e um honrado cidadão Thémene, parece que era espezialista em promover deposições, sempre no nobre intuito de *restabelecer a legalidade*.

Era o Floriano dos Athenienses.

Continúa.

LOCUBRAÇÃO HISTORICA

Pyramides, labyrinthos e grutas funerarias.

PYRAMIDES. — «Os monumentos do Egypto mais imponentes por sua massa, e mais curiosos por sua antiguidade, são incontestavelmente as pyramides» diz Mr. Robiau.

A pyramide de Cheops, que alem de ja terem cahido algumas ainda se contavam mais de 200 superposições, media ainda assim perto de 140 metros, tendo uma base mais consideravel! Para que este colosso podesse sustentar o grande peso da sala destinada ao sarcophago, abriam-se 4 claros formados por outras tantas salas.

Destinados para tumulto dos reis seus constructores, a segnda tinha o seu, não no corpo do monumento, mas aberto na rocha, em que se erguia o edificio.

A de Myserino que encerrava muitas pecas, a que continha o sarcophago era de granito.

Alem das grandes, muitas outras existem mesmo em Girch, já tendo Lepsius até 1843 contado 67. A sphinge colossal que se acha junto das pyramides é aberto na rocha! e segundo Mr. Smple mede 90 pés de longo, tendo 26 do queixo ao alto da cabeça!

LABYRINTHO. — Foi este o monumento que mais admiração produziu nos gregos.

Eis a descripção que nos dá Herodoto: Dose pae cobertos, oppostos um ao outro por suas entradas, 6 ao norte e 6 ao sul, todos envolvidos por uma construção externa commun encerram 3.000 camaras! parte sobre e parte sob a terra. (Accrescenta elle que não vio as subterraneas, onde se acham os lumalos dos reis

As sa-
hidas dos salões e os corre-
dores tão variados para atra-
vessar os paços me enchiam
de admiração, quando pas-
sava dos salões aos corredores
e das galerias de um pa-
lacio ás galerias de outro. O
tecto é de pedra como os
muros e em grande parte
armados de esculturas: ca-
da palacio tem um peristilo
de pedra, e cada angulo do
labyrintho uma pyramide,
onde estão gravados anima-
es; a entrada para o monu-
mento é subterraneo.

GRUTAS FUNERARIAS. —
Desde a 11ª dynastia comen-
çaram esses monumentos,
que foram ganhando em mag-
nificencia até Ramses.

O tumulo de um rei da 20ª
dynastia é o mais notavel
pela longa serie de esculp-
tura e pintura que ornã as
salas e galerias abertas nos
flancos da montanha para
chegar ao logar do sarco-
phago.

São essas pinturas scenas
mythologicas e astronô-
micas e representações de re-
compensas e castigos na vi-
da futura etc.

Entre os 16 tumulos vistos
por Champollion em Bilan e
Malutk e arredadores, alguns
d'elles têm a decoraçào com-
pleta. Gastava um rei toda
sua vida preparando e or-
nando seu tumulo, e uma
vez posta a mania em seu sar-
cophago, fechava-se o tumu-
lo para nunca mais abrir.

Os tumulos de Seti 1º e
Ramsis 3º são curiosos; o
primeiro tem representadas
as raças humanas taes como
os egypcios as concebiam, o
2º os objectos de uso do-
mestico. O quadro symbo-
lico do egyptiaco, fl-
gurado por seis imagens do
Nilo e seis imagens do Egy-
pto personificado, trazendo
as produções corresponden-
tes ás estações representa-
das. Bem sabemos que são
as aguas do Nilo que deter-
minam a successão das es-
tações agricolas no Egypto.

Continúa.

Ilusões.

(A Marianna Luz.)

Era uma tarde risonha do
outono.

Alegres e em canticos re-
passados de doce suavisar,
pousavam nos galhos das
arvores os passarinhos, bel-

los pelas suas plumagens
multicóres.

A abobada celeste repe-
tida de um azul claro, apre-
sentava porém, no occaso
nuvens avermelhadas, indi-
cando que o sol recolhia-se
aos bastidores da natureza.

A noite apparecia lenta-
mente.

Era na villa de...
O sino da pequena matriz
acabava de annunciar a ex-
tincção do labor diurno, dan-
do a ave-maria.

Os passaros cessaram os
seus canticos maviosos e a
natureza toda entregara-se
ao silencio.

A lua surgia expandindo
a sua luz opaca que convi-
dava os corações apaixon-
ados a meditar sobre as illu-
sões da vida.

Era eu, um delles que so-
sinho e em frente a pequena
choupana meditava sobre
a minha infancia.

Levantei-me e apossado
de profunda tristeza cau-
zada pela lembrança da minha
infeliz infancia, comecei a
vagar pelas ruas da villa.

De repente senti um ex-
tremecimento ao ouvir pro-
nunciar o meu nome.

Achava-me em frente do
triste cemiterio da villa.

Esperei... e pela segunda
vez, ouvi pronunciar o meu
nome e após a seguinte pa-
lavra «entra»...

A tristeza de que estava
possuido augmentou pela
concentração de minh'alma.

Em passos lentos, e com-
movido dirigir-me ao velho
portão semi-aberto dessa
moradia eterna.

Penetrei nesse recinto tris-
tonho e pavoroso; com o
coração dilacerado percor-
rir esse edificio lugubre, on-
de o pavor se fazia sentir pe-
lo romarajo confuso das cau-
zuarinas e pelo agudo cantico
da curuja.

Perplexo fiquei junto ao
tumulo d'onde ouvi estas
palavras sentimentaes: *Inda-
te amo, meu coração inda pul-
sa por ti.*

Era que nesse sarcophago
jazia figuradamente o
corpo do «ideal de meu pen-
samento» *Adi,* um impos-
sivel!

Olhei em redor de mim,
nada vi.

Tudo guardava silencio!
Em perenne oração cur-
vei-me ante esse tumulo.

Cerrei os olhos, quando
os abri, achava-me em frente
do nesse jazigo, que parecia
antes um leito de noivado

do que moradia d'un corpo
gelado e inanimado:

Fallava e apertava as mãos
delicadas de Adi, vi-a mais
formosa que nunca!... ju-
ramos amor eterno aos pés
de Deus e n'um estreito e
saudosos abraço as nossas
almas voavam ao céu.

«Adi, não morrera... fu-
gira do mundo escondendo-
se no tumulo, para esperar
por mim.»

Ilusões!!!

R. G. Nina.

Preces pelo anente.

(Quadro de D. Hiti)

O sol já vai fugindo. No horizonte
Desdobra-se uma nuvem alvillenta,
E ella, no azul do firmamento,
Ao seio inclina a pensativa fronte.

Onde está elle? Vê-lo hei ainda?
Ao espaço, a brisa, a nuvem impure, esla;
E a brisa, e o espaço e a nuvem branca e
Contemplão, mudos, sua fronte linda.

Próximo a mim, meu Deus, murmura a triste
Ora brisa perfumada! tu que ouviste
Trocaros juras de um amor tão santo

A cruz eleva minha prece ardente:
Se vive ainda o meu amado anente
Protege-o, meu Deus, eu o amo tanto!

Tapacurá-mirim.

Marianna Luz.

Uma noite de insomnia.

Exhausto pela fadiga de
doze horas de vigília insa-
na, o rei do dia também
no accaso correndo as suas
cortinas de um azul viola-
ceo.

A natureza n'esse momen-
te sublime, como que dis-
perta para um concerto
universal em que tomam
parte os lindos habitantes
dos bosques, cujas vozes
melodiosas e plangentes
convidam os corações apa-
ixonados a uma breve le-
thargia, e os alegres, a um
prolongado effluvio de amor
e harmonia. Conferi então o
meu labor de um dia de es-
tudo profundo e machinal-
mente fui attrahido á con-
templação das metamorpho-
ses que se aspiram n'essa
hora pathetica.

Meu espirito opprimido
pelo peso de um estudo con-
stante, parecia desprender
o derradeiro halito de enen-
gia: um iman sobrenatural
guiou-me a uma janella
d'onde se desdobrava o vas-
to horizonte occidental. Foi
então que contemplei o ma-
gnifico panorama que des-

crevi, ficando com a
restauradas pela op-
eração e o espirito vivifica-
do pelo meligeno sopro do
brisa.

Preparava-me para nova
luta.

Repentinamente calam-se
os divinos musicos e a na-
tureza, com um composto
de grotescos e poetica en-
cerra o creação em um enor-
me véo escuro.

O rebolico tumultuario da
cidade diminuiu pouco a
pouco e por sspago já me
offerecia o silencio da soli-
dão, ao tetrico campo de
minhas meditações.

N'este momento em que o
espirito lutava contra o fol-
guedoso do passado, vestindo
a negra tunica da saudade,
e transformavam em hor-
ror no presente, nada em
mim actuava que forneces-
se um movimento de expan-
são, e só o segundo sentido,
por instantes, repercutia em
meu ser *inerte* os tik tak
do relógio que pende da pa-
rede.

São nove horas. Nuvens
onduladas e negras a move-
rem-se preguiçosas no espa-
ço parecem photographiar o
movimento das vagas que da
Ponta d'Areia ouço bramir
indomitas e rancorosas co-
mo se proclamassem a so-
berania de seu alimento.
Milhares de estrellas de um
brilho pallido, como uma
virgem em sublime langui-
dez, matisam a abobada es-
leste.

Contemplo-as com inter-
resse e ao esforço de sepa-
ral-as em constellação, sou
tolhido pela amarga lem-
brança de que já confundi
meu echo de alegria com es-
ta suave viração quando,
em doce enleio, conversava
em amores com minha...
amante.

Insuportavel desgraça!
Terrivel sina a que obriga
a humanidade sorver amar-
gos, talvez como martyrio,
as ternas reminiscencias do
passado!

A fresca aura do oriente
traz-me ao ouvido a sym-
phonia de uma peça que es-
tá executando uma banda
de musica; a par d'ella di-
versos gritos compassados
que creio serem alludidos
alguma rapariga que desem-
penhava seus trabalhos ar-
tísticos no circo.

Talvez n'outro tempo ti-
vesse a idea de lá ir explo-
dir meus mortos enthusias-

mos e quando procuro per-
suadir-me de que distrahir-
me-hei, o espirito parece
responder-me que as sym-
phonias e os folgedos são
inimigos da paixão.

Penso já em abandonar
esta penna que me está a
gravar as pallidas sombras
de meus delirios noturnos,
porém sei que de balde ten-
tarei conciliar o sonho—
Morpheo detesta o amor e
sobretudo tenho certeza de
que nada mais poderei fa-
zer senão pensar n'ella, erer
que vel-a-hei e quando o an-
jo da victoria me der a par-
te que me toca no celente
festim do amor, nós levan-
taremos com nossos cora-
ções o sumptuoso templo
da felicidade.

Juca Sbal.

AO «JORNAL MARANHENSE»

(A' G.)

Agora que o sol d'um clarim de luz
Agilizo com luz uma sociedade activa,
Calar não posso o que te dá o peito,
Calar teu feio, moçada altiva.

Tua celeste voz arrebatado eu vejo
Qual o alio do condor do Norte;
Ela, pois, segue a teu sublimo brilho
Pois n'esse brilho não soffrera a morte.

Tens membros todos a trillar de gozo
São todos esposos da missa sublime,
Todos, pois, correm a teu tendo em vista
A grã-conquista que teu nome expulsa.

Tribuna, imprensa, a deservir talentos,
Dóceos e ventos que a humanidade ama;
Tudo contem... o que mais quero?
A grã-conquista que teu nome expulsa.

Oh! en te saúdo instituiçào immensa
Prouhe a crença que a liberdade agita;
Segue, pois, firme que te dá o peito
A negra estarda da democracia para.

Beiron.

Mais uma dor pungente
acaba de soffrer a socieda-
de maranhense, pela perda
irreparavel de Sizinio Cor-
reia de Frias, ceifado pelo
golpe traçoero da morte.

Alma grandiosa, coração
vasado nos moldes de todos
os sentimentos bons, Sizi-
nio Frias deixou immerso
em profunda lethargia, a-
quellas que tiveram o prazer
de conhecê-lo.

Dedicado e acerrimo des-
de a infancia á arte typogra-
phica, chegou a possuir pe-
los seus denodados serviços
diversos titulos de honra de
que era merecedor.

Nós que tivemos o prazer
de entreter relações d'amí-
sade com esse distincto ma-
ranhense podemos dizer
com toda a attivez, Sizinio
Frias, foi uma das glorias
da arte typographica Mara-
nhense.

A sua idolatrada familia e
especialmente a sua incon-
solavel e extremosa esposa os
as nossas condolencias. (1)

(1) Esta publicação não saio
no n. anterior por omissão d'um
dos nossos typographos.

ROMANCETO

O ABRACÃO NO MAR

Imitação de um quadro

por

ZIOR OCIDIB

(Continuação da 2ª parte).

II

OS DESGOSTOS

No dia seguinte na cabana já
conhecida por meus leitores,
achavam-se os nossos jovens
personagens, Arino e Iluã. Ari-
no pela desordem do trajar via-se
que estava tranzido de acerbo pa-
decer, e Iluã com os cabellos ne-
lourous e desordenados, deixava
ver-se as feições pallidas e desfi-
guradas pelos desgostos, que lhe
dilaceravam a alma. Um riso em
logar de prantos lhe attingia a
pallidez dos labios.

«O tempo passa!...» bal-
bucou ella depois d'um longo si-
lencio.

«Deus!... Meu Deus exclamou.
Assim em horrivel com-
mugio. De seus olhos corriam
abundantes lagrimas que viaham
ligeiramente morrer em seu peito
coberto de lucto. Com os dentes
corrados, puchava com desespero
seus louros e ondeados cabellos.

Era inevitavel ver-se aquella sce-
na. Iluã partia para Napoles dias
depois, e Arino não tinha cora-
gem para supportar aquella tão
ardua separação.

A donzella aproximando-se de
Arino, disse-lhe «Ide, trabalhai
que irei quanto antes. Meu pae
anda a tua procura para dar-te,
como assegurou-me».

Em lagrimas e com osculos de
eterna amisade, separou-se Ari-
no de Iluã.

III

A MORTE DE NYNPHA (*)

Arino cheio de tristezas colheu
seu rebanho dirigindo-se ao Cam-
po. Levava consigo a sua esti-
mada *Nynpha* que alegre sal-
tava d'um lado a outro por entre
as flores selvaticas da campina.
Em seus *chiffres* erguia-se uma
grinalda de vivas cores que Iluã
collocára na occasião da despedida.

Arino adormeceu cansado pe-

*) *Nynpha* era uma cabrinha.

los desgostos d'uma vida sem risos
e esperanças. Duas horas depois
acordára ao forte estampido d'um
tiro: «Meu Deus...!» exclamou
o manco horrorizado: «O
que será?!»

Olhando attentamente para o
interior da matta, vio que uma
fumaça espessa escurecia o es-
pago. Um balado de cabra sou-
lhe aos ouvidos. Começou a cha-
mar sua linda *Nynpha*; esta não
lhe apparecia. Recordando o que
vi? *Nynpha* achava-se sem
vida estendida no chão.

Arino correndo para ella, re-
gou-lhe o cadaver com suas co-
piasas lagrimas, e tomando-a nos
bracos, dirigio-se ao improvisado
leito que fizera para deitar-se.
Cobrirão-lhe o gelado corpo com
uma mantinha que trasia sempre
consigo, deitou-se a correr pelo
extenso campo...

Decorreram-se duas horas se-
guramente. Arino e Iluã achav-
am-se juntos do corpo de sua
querida cabrinha, testemunha ou-
trora de seus prazeres campos-
tres.

Iluã alagada em prantos,
derramava sobre *Nynpha* as
gotas serenas de suas lagrimas.

Olhando firmemente d'uma
maneira sinistra a Arino disse-
lhe, «De que nos serve o chorar?
A lagrima não pode sal-
var-nos partirei para Napoles
amanga e se me resta diser-te
uma coisa, que partas á Pariz
e digas ao capitão da fragata
«Leonora» que desejas empregat-
te como marinheiro em sua em-
barcação. Daremos sepultura a
nossa inconsolavel *Nynpha*...»

Os nossos queixosos persona-
gens, d'um-na uma cova impro-
visada, ás sombras d'uns verdes
arbutos que formavam um som-
brio tecto no logar onde estavam.

Depois de fazerem as suas des-
pedidas eternas, partiram para
Paris.

Continúa

NB.—Leitores:

No artigo publicado no numero
passado em que se trata da pri-
meira parte d'este «Romanceto»,
haviéis de encontrar alguns erros
que são:

Solicitando, leiam—felicitando.
Mas um riso, leiam—mas, sim
um riso.

Os olhos de Ulac.

Fortes e scintillantes como os
raios fabricados nas bronzas e
afogueadas forjas de Plutão, ne-
gros como o azeviehe ou ebano,
bellos como os de Helena cuja
vivacidade incandeu o sensível
e covarde coração de Paris, su-

blimes como o bello da philoso-
phia de Petrarca e de Pla-
tão, os olhos da formosa Ulac,
incitavam, commoviam e concluem
por infiltrar no amago do cora-
ção a cicuta pegnheita do amor
e por introduzir nas dobras do
coração o fluido electri-o da pai-
xão. O meu cor-bro é o céu azul-
lado da Attica, no qual fulgura
como no Olympo sagrado de Ju-
piter as mais brilhantes estrel-
las da Grecia, esses dous astros
luminosos de Ulac—Castor e
Polux, Bronzeira a Cupido que
essa Briseis de minh'alma amo-
rosa, formosa como Venus, e
essa Thetis deira do meu nome
coração, deixasse escapar de
seus brillantinos olhos um ter-
no olhar d'aquelles que só sabe
dar o amor e um doce sorriso
como o do innocente que pela
primeira vez contempla a luz do
dia, desliza-se airoso pelas cutis
finissimas da esbelta Ulac, tendo
por alvo este Prometheu, que
com o coração semi-devorado de-
vorado pelos abutres do amor
permanece immovel no rochedo
de Sysipho, curvando horroscas
doras e saltando sentidos gemit-
dos. Ai de Prometheu gemendo
sob o peso do amor. Vem, oh!
Ulac consolar teu louco amante
que se agita nos estercores da
angustia.

Os teus olhos Ulac são a luz,
o pharol que me embate do mar
anima os nauticos, guiando-os
no infinito, a estrella Polar dos
meus olhos e a Vesperdo meu
tenebroso coração.

Tennyson *Mont-Murbre.*

A AMERICA DO FUTURO

A humanidade, do mesmo mo-
do que o sol, caminha do Oriente
para o Occidente.

Na sua infancia teve ella por
berço a encantadora Asia. A Eu-
ropa e Africa assistiram a sua
brilhante adolescencia.

Porque não será, mais tarde,
a America o scenario grandioso,
onde se passe o ultimo episodio
desse drama gigantesco—a his-
toria do homem?

Porque não será em seu seio
que se desenrolem as peripecias
dessa idade de ouro, tão sonhado
no passado, mas só rasoavel no
futuro?

Futuro! Spinghe desespera-
dora, que não admite edipos,
sombra impavavel que se dissipa-
ao menor esforço do homem para
enlaçar-a; e, entretanto objectivo
constante de nossas aspirações e
phantasias!

Porque te embuças em trevas
insondaveis e conservas o silencio
do tumulo se a intelligencia pro-

cura decifrar o teu enigma eterno?

Quando ha seculos, no Olympo do paganismo, resou o grito de alarma e os deuses desapareceram no ether, so tu, inexoravel destino, Deus ignotus de antiguidade permanecesstes immovel—contemplando o aniquilamento dos povos e a morte de todas as crenças do passado!

Nos nossos dias, ainda mais mysterioso te mostras. Que reservas a America?

A sua natureza é maravilhosa, a sua extensão immensa.

Duas das raças predominantes na Europa já aqui se acham ha muito estabelecidas.

Em breve, quem sabe? a Europa irá decahindo. A batalha de Dorking deixará talvez de ser um simples phantasia do visionario Disraeli.

O socialismo se encarregará de solapar os fundamentos do colosso germanico. O olhar penetrante de Bismark pode muito, mais podia ainda a propaganda surda e infatigavel do anarchismo encarado sob todos os aspectos, que, tendo já catheclisado as classes ultimas da sociedade ameaça elevar-se a região onde se move compassadamente a multidão dos patricios.

O fim do socialismo é o dominio do mundo. Isto, porém, é simplesmente absurdo.

A companhia de Jesus o obteve em parte, porque lançou mão da unica arma invencivel n'um caso deste: o espirito religioso.

O socialismo não é mais que um instrumento de que se serve o destino para precipitar a queda do velho mundo, cuja sociedade apresenta a analyse circumspecta do observador symtomas incontestaveis de decadencias moral, religiosa e politica.

Quando se tiver consumado na Europa a obra fatal da degeneração dos sentimentos da invalidação das crenças no individuo, da prepotencia e do arbitrio no Estado, terá por ventura a humanidade de voltar a situação primitiva?

Reviverão os tempos da civilização asiatica, em pleno continente europeu, como parece pensar. Viso, quando intenta explicar a marcha da humanidade através dos seculos, por meio da idéa do circulo?

Não, mil vezes não. O progresso é dogma imposto ao espirito humano pela logica dos factos: é axioma que decorre da natureza das cousas.

A hypothese de Viso é a mais contristadora, das que tentam explicar a vida da humanidade, participa do genio frio e misantropo do philosopho italiano gran-

de intelligencia, mas imaginação atrophizada.

O homem progride sempre. Ao lado porém do progresso, como o caminhar na estrada indefinida das sciencias e das artes, ha o progresso como o caminhar verdadeiro da civilização, que na primeira idade illuminou a opulenta natureza da Asia e que depois, transpondo os mares, veio transformar completamente a barbara Europa.

No solo abençoado da America ella virá brilhar, talvez, em breve, com muito mais esplendor e galas do que no velho mundo. A liberdade, essa fragida dos reinos Europeus invadirá de prompto todos os Estados: e o fraco terá logar na sociedade ao lado do forte, e a ignorancia e o sofrimento terão correctivos e balsamos.

O individuo e o Estado, com suas respectivas orbitas de acção com um estímulo verdadeiramente civico, terão por norma unica de seu proceder o interesse geral.

Tres grandes verbos resumiram o característico do seculo: —sciencia, liberdade, e prosperidade.

Não está, talvez, muito longe a epocha da regeneração social.

Depois do medonho cataclisma, o homem erguerá a fronte do pó e atirará aos ventos a blasphemia:

—Progresso!... mentira.

O vulgo, porém, do destino, frio e solemne, indicará o Occidente; e os olhares da misera humanidade, transpondo o Atlantico immenso, irão fixar-se na America que surge das ondas, graciosa qual outra Venus.

Do azul vaga ironia.

NOTICIARIO

O MATTINÉE DO REFORM CLUB.

No palacio do conde do Canadá, edificio de propriedade d'um d'esses sectarios de Pluto, a disposição dos moveis, o grande n. de cavalleiros, os admans do bello sexo, tudo indicava o templo de Euterpe,—era uma festa á musica!

O habil photographo Vasconcellos com seu petrecto artifice deu a grande festa nas traços das tendas de Gallileu.

O maestro Rayol, tomando uma attitude superior, com um porte de auctoridade na arte deu

o signal; começou-se a execução do programma.

Todas as partes correspondiam a expectativa daquella selecção, arrebataram entusiasticos applausos. Como admiradores das cousas grandes nos pequenios, não podemos deixar de declinar o nome de Homero Valle, como um tributo a seu gosto e um applauso a seus paes e mestre.

Não mencionamos os nomes dos distinctos cavalheiros, dos invejaveis musicos escolhidos pelo maestro Rayol, porque as propriedades da somma correspondem as parcelas.

E o illustre tenor maranhense, que concorre directamente para a grandeza do Estado que se ufana de tel-o por filho, representava a somma daquelle sequito divino.

O bello sexo que por si só constituiu uma festa, ali se representou, com afan, como ambiente ameno e entusiastico, com a caterva de graças que lhe são peculiares; até nas visinhanças do recinto havia constellações dessas deidades. Emfim uma festa, como a do Reforme Club em beneficio do seu digno membro rejuvenece e prolonga a vida! E' melhor experimental-a que julgala.

O nosso amigo e collega de redacção Raimundo Gonçalves Nina, amannense do 1º Districto dos Portos Maritimos, foi designado para exercer interinamente o logar de escriptuario servindo de secretario da Secção do mesmo districto neste Estado, durante o impedimento do effectivo.

Comprimntamolo.

E' nosso representante em Guimarães o commendador José Lopes Carneiro.

Penhoradissimos agradecemos ao distincto estudante Ignacio Raposo, em nome do Gremio Litterario Maranhense, a gentileza da offerta que fez das obras: *Portugal na balança da Europa a Poesia e a Arte*, e o *Parnaso Maranhense*.

Recebemos as visitas dos honrados collegas «O Norte» da Barra do Corda, A «Gazeta do Codo», O «Cri-cri» de Theresina, e «O Operario» desta capital.

Agradecemos.

Tem sido bastante visitado o escriptorio da redacção deste jornal.

Agradecemos.

IMPRENSA

Recebemos o n. 1 da «Infancia» órgão litterario.

Redigido por creanças, traz bons artigos e portanto digno de leitura.

Congratulando-nos com apparição do novo collega, desejamos que longa seja a sua existencia.

O nosso particular amigo subdito russo Abram Tarassuk, naturalizou-se cidadão brasileiro, por tão nolavel acontecimento, enviamos os nossos sinceros cumprimentos.

O escriptorio da redacção da «Ideia», estará aberto todos os dias uteis das 3 ás 6 h. da tarde, e das 10 da manhã ás 5 da tarde nos domingos e feriados.

Recebemos a visita do nosso distincto representante em Manaus Abelardo Rego, que achase actualmente entre nós.

Para o interior do Estado seguiu o cidadão Elpidio Nina, pae do nosso collega R. Nina.

Acha-se actualmente no Pará, o nosso distincto amigo, socio do Gremio Arthur Barbosa.

Consta-nos que no dia 2 de julho p. f. a Sociedade de S. Luiz Gonzaga, realizará uma sessão solemne em homenagem ao mesmo santo, protector da mocidade.

Gremio Litterario Maranhense

Aviso aos srs. socios que as sessões ordinarias do Gremio, terão logar nas 1ª e 3ª domingos de cada mez á 1 hora da tarde.

O 2º secretario interino J. Veiga.

Para a sessão seguinte de 2 de Julho foi adiada a these sobre o direito do voto da mulher.

Imp. natyp. a vapor—Parotilha

A IDEIA

Orgão do Gremio Litterario Maranhense

Libertas quæ sera tamen

In medio manibus patitur posita est

Anno I

Maranhão, 19 de Julho de 1893

Numero 5

EXPEDIENTE

A *Ideia* publica-se duas vezes por mez em dias indeterminados.

Redacção á rua da Paz n. 19.
—Pavimento terreo.

ASSIGNATURAS:

Capital—500 reis mensaes.
Interior—600 —

PAGAMENTO ADIANTADO.

Artigos de litteratura publicam-se gratis.

Redactores—Salomão, Nina, Costa e Nogueira.

ASSIGNANTES

Rogamos aos nossos assignantes que se achão em atraso, o obsequio de mandar satisfazer suas assignaturas.

Como sabem, é condicção de assignatura o pagamento adiantado, e não estranhão este nosso pedido, desde que considero que, sem o concurso efficaz dos srs. assignantes, por meio do pagamento da assignatura em tempo, será impossivel manter uma empresa como a nossa.

Continuamos a contar com a coadjuvação de V. V. SS. e esperamos, por isso, que dignar-se-hão de acceder ao nosso pedido.

A IDEIA

O nosso meio socia

É triste e lamentavel investigar-mos o grau de desenvolvimento na população da nossa cidade, porque verificamos que só uma pequena fracção vive compenetrada do verdadeiro sentimento do dever, enquanto o resto pratica os seus actos pela simples intuição que nasce-lhe do instinto natural.

Não avancamos dizer si é isto devido á má intenção ou ao descuido deste e d'aquelle. O certo é que metade da classe media e a baixa toda praticam as suas acções em estado quasi completo de inconsciencia, e porque faltam-lhes as boas theorias que não tiveram a fortuna de receber, possuem uma pratica esteril, herdada dos antepassados na sua formula primitiva—E a que foi devido isto?

Aos prejuizos da educação, bem pode responder a propria mediocridade.

E, o que fazer agora com estes infelizes—deixal-os á mercê, do *vacuum* da vida, por já considerarmos o seu intellecto *exhausto* e *extinto* a sua força de raciocínios?

Tambem não, porque era desviar a vista da propria natureza, que nos rodeia e nos ensina a marchar a todo transe.

A nossa missão, portanto, como jovens que estudamos de livro em punho, prescuntando o que se occulta lá na curva do horizonte, é atirar-lhes multidão de ideias em sentido resumido e explicito, com o auxilio das quaes aprendem a raciocinar, não só para resolver os problemas sociaes, como tambem para trasmitir á sua prole a exacta norma do dever.

O Gremio Litterario Maranhense inteiro, que se ufana em dizer que visa o interesse, não applaudidos como este, determinou criar o seu organo jornalístico, pelo qual aprendessemos todos a pensar n'um só convenio de ideias e amar com os mesmos sentimentos.

Compenetrou-se de que, amante do progresso, como é, devia militar impetuosamente com o mais formidavel elemento contra a ignorancia—A imprensa.

Deu, pois, á luz da publicidade a *Ideia*, em que escreveriam aquelles que eram reputados como mais talentosos.

Tem apparecido até hoje em todos os numeros artigos que merecem a devida attenção do publico, porque occupam-se do interesse geral, porem ninguem negará que o que mais abunda são os assumptos amorosos e humorísticos, de que exclusivamente parece occupar-se.

O provelto é pois *in totum* nullo.

Bem entendido: ninguém julga que desejamos desprezar *quanto á estrutura* qualquer poesia ou variedade das que hajam sido publicadas, e nem tambem que intentamos acabar totalmente com a secção dos devotados ao *Moco-Alado*.

Não, que seria exigir de mais.

Si Victor Hugo, E. Zola, Garret e A. Herculano não se tivessem occupado com assumptos superiores ás niquices d'affeições, certamente não possuiriam tamanho fêno-me.

É um espelho em que deveríamos procurar a refração da nossa missão, porque é logico o pae, etc. de familia, que bem comprehender a utilidade do tempo e amar a pureza d'intenções, não deixará resvalar ás mãos da sua filha umas phrases que, a exemplo de pilha electrica, vão fazer-lhe cocegas e excessos de calafrios.

Portanto não ha motivo nenhum para sacrificarmos o interesse geral á cupidiz impudica de sentimentos amorosos.

Si pelas verificação ethnographicas já sabemos que o nosso povo é naturalmente inclinado á inercia e a luxuria, por habitar o clima intertropical, o que de peor deseja aquelle que nos

vem contar em publico os beijos, e abraços dados á sua querida?

E o cumulo! porque só o espirito anti-ethnocratico pode satisfazer-se em percorrer com a vista algumas linhas dedicadas a uma donzella, que longe de exaltal-a, obstruem-lhe a reputação.

Dado semelhante cavaco terminaremos, dizendo so-branceiros aos senhores *Lovellacs improvisados* que a nossa *Ideia*, é para espantar as trevas da ignorancia e não para fazer sombar na alcova aos D. Juans.

LUZ E SOMBRA NESTE RICA

Templos e palacios—Da regencia de Hatasu (rainha) até Ramses—Hik—pen-dão os mais memoraveis edificios d'este genero, e que o mais das vezes tinham uso commum.

O templo de Karnak ficava na extremidade nordeste de Thebas, e se constituia de uma serie de construcções em que tomaram parte todos os reis famosos do Egypto, desde Sesurtosen 1º até o pae de Cleopatra. Uma descripção completa d'este edificio daria livros.

O monumento e obras adjuntas e exteriores occupam uma expansão de 2.000 passos! Ouçamos o que dizem tres celebres viajantes de sua magnificencia *quanto* a uma só de suas salas, a das *colonnas* ou *hypostila*.

Champallion—«A imaginação que na Europa vai acima de nossos porticos, esbarra e cae impotente aos pés das 140 columnas de Karnak. Não procurarei descrevel-a, porque minhas palavras não diriam a millesima parte do que se deve dizer, fallando de taes objectos, ou antes,

se eu traçasse um esboço, pallido e sem cor passaria por entusiasta e talvez por louco».

M. Ampère.—«Imaginai uma floresta de torres, representai-vos 130 columnas iguaes em grandeza à columna da praça Vandome com 70 pés de alto e 11 de diametro, cobertas debaixo relevo e hieroglyphos; os capitais com 65 de circumferencia—a sala com 319 de comprimento e 150 de largura».

M. Lepins.—«É impossivel dizer a impressão que se experimenta a primeira vez que se entra nes a floresta de columnas e que se caminha de ordem a ordem entre essas grandes figuras de deuses e reis que as cobrem ora em parte, ora em todo».

O templo de Ligos está ligado ao de Karnak por columnadas e terracos—d'elle era o abelisco que ora hoje a praça de Paris, e que fora erguido em honra de Ramses 2.^o.

Na margem esquerda pois Ligos e Karnak ficavam da difeita do Nilo e todos esses edificios em Thebas e por aqui avalliamos a grandesa, belleza e magnificencia de uma cidade que era atravessada por rio como o Nilo! Na margem esquerda ficava o palacio de Rhamession, como o chama Champellion. Diz M. Brugsch que em sua architectura e esculptura se encontra o que ha de mais nobre e puro em Thebas. Lá estão representadas as campanhas de Ramses contra os khetas e quadros mythologicos e astronomicos.

Encontram-se ainda do mesmo ludo os palacios de Quina e o celeberrimo Medinet-Habú.

Vemos assim que no baixo e alto egypto estão os mais celebres monumentos do antigo Egypto—Pyramides e labyrintho perto de Memphis, e Karnak, Ligos, Rhamession e Medinet—Habú em Thebas; além das grutas funerarias que eram disseminados.

o sorriso de J.

A Brada Costa

Teus labios roseos, morena,
São feitos para sorrir.
E teo olhar me condemna
A procurar os fruir.

E louco como a phalena
Quero nelles me queimar
Porque teos labios, morena,
São feitos para se amar.

Aquelle riso engraçado,
De mil aromas cercado,
Que vóa dos labios teos.

Tem mysterios, mil e tantos
Perderia mesmo a santos
Quem sabe... se ao proprio Deus.

J. B. Lobato.

NO JARDIM

(A El-shân Vellana)

Era uma d'essas frescas e amenas tardes de outono em que, quando o sol lança os seus ultimos olhares sobre a terra imprime sensações em todos os corações saudosos.

Achava-me sentado em um dos bancos do jardim de... a sugar o ether inebriante das odoríferas flores em que o elegante colibry com toda sua volubildade e sem a menor cerimonia da mil oscilos de amor em um só momento.

Quando fui despertado pelo tocar de uma mosinha de fada ao qual acompanharam estas palavras: «Em que pensas?» De repente, virando-me, deparei com um verdadeiro phototypo da belleza: era a diva de meus sonhos que com seus olhos azues lançava-me um termo olhar e de seus labios desastinados deixava escapar-me um sorriso mais doce do que mel.

E logo sentando-se ao meu lado; com uma graça e belleza tal que a minha penna jamais ousará descrever, perguntou-me sorrindo maliciosamente (o que é natural a mulher), então não me dizes em que pensavas?

Eu quasi inerte e fascinado por sua belleza respondi-lhe: sim pensava, que ella é a pintura fiel das que tens nas minutas faces e ella beijando-a me deu.

Ja então os melodiosos gorjeios dos passaros haviam sido substituidos pelo coaxar das rãs e o cacarejar das corujas—os dourados raios do sol haviam sido trocados pelo argentino brilhar da lua que cabindo quasi perpendicularmente sobre os loiros e anelados cabelos d'aquella que sabe prender um co-

ração que jamais saberá pulsar por outra dava-lhe uma belleza, e um encanto que elevam o sentimentalismo ao bello e ao sublime.

Fomos então interrompidos por uma voz que a chamava e ella com um d'estes olhares que fallam mudamente despediu-se de mim, e eu fiquei a seismar e momentos depois dirigi-me para minha casa onde passei uma noite tão feliz que jamais apagar-se-ha em minha memoria.

Antonio Lencio.

O PROGRESSO

Vem encher de contentamento a noticia de que alguns mentirosos d'esta capital, abrigando-se sob o inextinguivel estandarte da instrução, constituiram o Club Litterario.

Outrosim que no dia 28 de maio, foi em Belém fundada definitivamente uma sociedade litteraria denominada—Silva Jardim. Torna-se pois impropicia a tarefa patriótica de excitar a mocidade ao estudo, pois ella acaba de provar que é complice da rissida de suas obrigações, e que alvora em seu peito juvenil a egide do—Progresso. D'aqui congratulamos-nos com os Clubs Litterarios que germinam, e damos fim a esta seccão, até que outras sociedades litterarias nos venham despertar o enthusiasmo.

Mil venturas aos athletas que surgem!

De luto.

(A G. C.)

Amado as estrelas que brillam e declinam,
Folham-nos os brillos da noite o luar,
E o tardo silencio e das nubes o ambram
Eu eria, pulcava belleza sem par.

Inerte e sósido no mundo sem fim
Eu vi-me repellido d'um mundo pausar,
Cre que a gloria sorria para mim,
Luz e dignidade e gloria me haver!

Os montes, os valles e a heisa que vóa
E toda a natureza em maximo fulgor,
Mil cantos ternos bem sei qu'enlóa
Mas tanta da vida, não fallam de amor.

Ja vi quando e bella, quando deo esperanças
Frai os trindades do campo os cultores!
Mas o ludo que tudo, mais bello, oh!
Teus olhos modulam campos de amores.

Brasas das vestes em luto cortigem
Traduzem com poezia que saes sentir,
E assim de luto teu coração de virgem
Reiza e em mais força—mãe obaga a carpir.

Al. Antena. 24-6-33

Ney de Ludy.

A inconstancia

A Djalma Pinto

... Era ali, n'aquelle banco de relva, esmaltado pela belleza das flores e pelo encanto da poesia, que Rosilda e Juca realisav o suas entrevistas amorosas.

Quantas vezes aquellas duas crianças a sós, perturbadas unicamente pela aragem e levadas pelo enthusiasmo que lhes porporcionava o amor, não trocavam entre si ternos beijos de innocencia?

Quantas vezes ainda aquelles jovens corações pulsavam de ciúmes causados pelaservas e flores que malisavam o chão em que pisavam?

Comtudo eram felizes, porque se amavam.

Era muito bello vel-os tão juntos a expandir toda força do amor em osculos e abraços innocentes?

Já era tarde, Rosilda e Juca sentados, como de costume conservavam-se pensativos e tristes; revolvião-lhes os cerebros pensamentos, talvez, bem diversos e que não nos é dado interpretar.

«Rosilda, murmurou Juca como que despertando de um profundo beihargo, é-me forçoso partir; como não ignoras minha velha mãe está moribunda e como seu unico filho cumpre-me o dever de fechar-lhe os olhos».

«Sim Juca, sim querido amigo; vai e Deus te acompanhar para que em breve voltes a amenisar-me a existencia... Oh! é-me duro supportar tão cruel separação... mas urge... vai e volta breve».

Tres mezes apenas se passavam e Rosilda já não era aquella que jurara a fidelidade e constancia.

Juca inconsolavel, não deixava de escrever a diva de seus sonhos.

Ella tambem a principio era pontual e depois, já nenhuma importancia ligava às cartas amorosas de seu amante. Seu coração já não palpitava com o mesmo afã d'outrora; já estava esquecido do passado...

Em pouco tempo, este ente infiel demonstrou em suas roséas faces a inconstancia—o dom da mulher. Os olhares ternos de um seu vi-

sinho, haviam-na feito esquecer a promessa que fizera a Juca na hora da cruel partida. Juca ao ter conhecimento da nova aventura de sua amante, voltou para junto d'essa mulher ingrata deixando sua mãe nas ancias da morte.

Pobre nancebo!!!

Era noite as pequenas estrellas scintillavam no céu, illuminando o espaço denegrido pela escuridão da noite; tudo era silencioso, somente ao longe se ouvia o ruido produzido pelo tropel de um cavallo e este conduzia Juca por uma estrada larga e deserta. Logo que chegou, o desditoso namorado dirigiu-se á casa de sua misera amante, d'essa mulher volúvel que o esquecera.

Mas oh!... Ao penetrar na sala encontrou-a com as mãos presas entre as de um homem; talvez estivesse a vender cynicamente seus baratos beijos—os que pertencem ao namorado do momento.

Mulheres!, mulheres! eu recio diante de tua horrorosa volubildade!!!

Comtudo proseguio, comprimentou-a e dirigiu-se a ella disse-lhe:

«Uma palavra em particular».

«Rosilda, disse Juca, cham-me-a para saber se ainda és a mesma d'outrora». «Senhor Juca, retorquiu ella, pego-lhe que seja mais claro em sua pergunta. O nancebo sentio um calafrio involver-lhe o corpo e depois continuou: «Desejo saber se ainda me amas».

«Não, e nunca o me!»
Juca ao ouvir tão vis pa-

lavras proferidas pelos labios d'aquella mulher negra, cahio desmaiado perdendo os sentidos por alguns instantes, e um beccil saltando uma gargalhada infernal desappareceu d'aquelle palco de angustias.

Nossa occasião entrou um pagem coberto de poeira e banhado de suor entregou-lhe uma carta enlutada que immediatamente abriu e leu. Essa missiva scientificou-lhe que uma hora depois de sua partida sua mãe succumbira! Essa ultima dor exaurindo seu peito ja dilacerado por uma mulher abjecta, o fez cahir ao chão como uma massa inerte, e momentos depois o infeliz transformara-se em um cadaver, e a mulher, da sua culpa, mais uma vez fez passar sobre aquelle corpo exanime, a contar victorias, o vulto lugubre da inconstancia.

Em seu tumulto algem escreveu estes rusticos quarteitos que parecem se haver transformado em lettras para gravar um axioma pouco favoravel ao bello sexo

Eil-o:

Amor, meu Deus, que bonura,
Que ha mais que isso cruel,
Se aqui me sepultura
Se o corpo do amante o fôr!

E depois Juca desitosa:
Viver como elle quem quer?...
Morir e por ser amor so
Por amar uma mulher.

Sóis annos depois via-se uma mulher coberta de luto, com o rosto occulto por um espesso véo no cemitério de S. José, ajoelhada em um túmulo: Era o de seu marido.

De Marey.

O PRIMEIRO AMOR

Enrubecida, perfumada e amena
Sorria a natureza, qual phalena
Nos ternos roseiros da vida,
Alem, ao lado da ermida,
Alli no amplo jardim do amor
Surgia em botto uma linda flor.

Meiga, impolluta, travessa e gentil
Eram-lhe dotes graças e bellezas mil;
Verdadeiro flôr a phantasia;
Gentil e bella como a poesia.

Quotidianamente, nas tardes de verão
Aos canteiros regava sua mão;
Era o symbolo da felicidade e dos amores
Uma flôr a dar orvalho às outras flores;
Sublime!... a brincar com as borboletas
Como em amphitheatro as athletas.

Rarificava-se esta scena
Com o refulgir de choros e pena.

Era impossivel! Ao coração da creança
Já haviam conquistado a ultima instância
As orações da vida, os reclames dos amores,
E ja diminuiam as vistas para as flores.

Apenas, então em o mez d'abril,
Por sob o lindo céu de anil,
De novo chispava o esplendor divino
Qu'a brisa annunciava com um sino
No jardim aos meigos habitantes,
Os productores do ether inebriante.

Tudo então mudava e era alegre;
No campo os rocciros em seu casebre
Não podiam ser mais felizes e contentes,
Que os pequenitos arbustos innocentes:
—E' que a rosa que é a mãe do coração
A filha de amor—o moler d'acção,
E não lhes podia ser indifferente
A appareição da flor vivente,
Sabiam ellas ter por mensageiras
Outras duas rosas fagueiras
Que pretenciosamente occupavam
Os labios da donzella e os coravam.

Um dia surprehendi-a na avenida,
Com a veste degase um pouco erguida!...
Translucida a passar através das ervinhas
Leve e meiga como as andorinhas,
Em columnas alabastrinas os lindos pés
Darian a Milos e Phidias mil painés,
E as ervas e flores se curvando
Solicitavam assim o doce mando
D'ellas rainhas—a mais formosa,
A mais meiga, pudica e ditosa.
Sobria como uma d'essas penitentes,
Mostrando levar imprescriptivelmente
Um fim soberano e omnipotente,
A donzella marchava lentamente
E eu avido a perguntar: Que fim?...
Coitada!... estava triste como Cain!

Immediatamente por uma subita pressão,
Por um méro enlevo, talvez, do coração
A joven hirsuta e lacrimante voltou,
N'est'hora seu ludo rosto era negro como o torpor,
Seus grandes olhos pretos flammejavam com horror
Uns tantos brillos diaphantinos e sinistros,
Bem como entro os brakmas os vis ministros.

Em aquella physionomia abatida e decomposta
Tinha um céu d'odor... e magia sobre a costa;
Os velludos da cabeça, as tranças da donzella,
«Movidigas, como colibry, lestras como a gazella;
Innumeras como as rhymas bellicas dos poetas
E como os hymnos, os cantos dos prophetas.

A flor, o anjo, a moça terna e delirante
Era filha de um velho negociante;
Tinha na terra por unica distracção
De uma vellinha criada a protecção;
Somente raios os vidros das janellas,
Via do sol e lua as cabelleiras bellas;
Er-lhe terronamente vedado por o rosto
Junto dos vidros sem que o velho com desgosto

Rompesse um clangor infernal barulho,
Portandose o miseravel com um tal esbulho,

Contra o que ha de mais sagrado e puro;
Impondo ao coração um terrível muro,
Trí na Grã-Bretanha, Adriano Severo
Mais repleto de orgulho do que Nero,
Quiz impor ao grão Scoto—conquistador
O limite dos feitos a morte do fulgor!

Parecia-lhe uma hora um dia, um mez...
A transbordar d'insomnia, contemplava a tez,
Alva como a neve, perfumada como a flor
Que seria mui difficil, a qualquer actor
Com auxilio de drogas imital-a,
Era, pois, um céo aquella sala,
Tinha em si o anjo d'angustia e belleza;
Honrava-a uma nobre pobresa
Entretanto o céo fazia-lhe horror e medo;
«Era duro com um castello, rico como rochedo»

Uma occasião em plena noite, esplendido luar:
Bramia indomito e rancoroso alem o mar,
As nuvens esguias corriam no espaço
E cantando divinamente a tactear passos
Aproximava-se algum... Doce melodia!
A virgem languida qu'acordada ouvia,
De mansinho e lentafoiter ao *cachilho*,
Com medo que o pai o vil caudilho
A magoar com torpes improperios,
Revecendo da ira, baqueando d'amor o imperio.

Vio ella então um joven esbelto, um estudante
Que, por vei-a uma vez, estava delirante
De louco, amor, de santa paixão...
Muito mais que amor—uma adoração!
No mesmo lugar a boia reclinada
E protestou ser aquella sua divaamada,
O deleite de sua vida, aroma de su'alma
E, carregara ainda que exanime a palma,
E o manaebo n'aquella hora, com tal tino
«Estava recto como a justiça, implacavel qual destin»

Igualmente a virgem pensativa e em devancio
Contemplava o rapaz, arquejante d'amor, arfandooseio.
Consagrara-lhe igualmente amor apaixonado:
Morrera a voz do velho, o muro era quebrado;
O amor sobera intransigente matar o estoicismo
E substituiu-o pelo templo immenso d'optimismo!!
Por um terrível desastre um rigor da sorte,
O pobre estudante, doente, ficou a morte,
E a moça louca dirigiu-se, á estrada
E foi, leitora, quando de lagrima armada
A encontrei. Sem o ver e em convulsão
Ajoelhou-se e orou... posta a mão...

Já vemos que o velho *mitrado*
D'esta vez emfim foi enganado,
E a moça transpusera, o umbral
Sem qu'algum de casa visse tal.

Restabelecera-se o jovem assim...
E em razão do pesquisar assim,
Dia e noite meditava o rapaz
O meio melhor—o mais efficaç
D'introduzir-se no ninho-amado
Sem que fosse suspeitada...

Indagação continua e incansavel
Tinha n'elle um tòm d'interminavel...
—Emfim soube qu'a tal velha cuidadosa
Era demasiadamente *supersticiosa*!
Estava o negocio prompto, faltava perpetrar
Vestido de homem, ou de mulher havia d'amar!

Immediatamente sac e conversa á visinha
Que lhe aperta a cintura e faz a partinha,
E vestida a burguesa com tal geito e gosto,
Ser homem não parece, ao menos pelo rosto.

(Continúa)

8 DE JULHO

A' memoria de Manoel João
Coqueiros de Viveiros.

—Um anno!—Passou-se um
anno, e a saudade que tenho de
tua memoria é tão viva.

Morrestes moço, n'essa quadra
da vida em que a mocidade alti-
va, com todo o entusiasmo, se
lança garbosa na estrada ampla
do progresso e da felicidade—
Abandonastes essa quadra, para
escutares a vos dos cyprestes, o
canto lugubre dos mochos e o ti-
nir das enxadas nos esquallidos
sahidos das sepulturas!

—Não ligastes os carinhos de
tua enluctada familia, os affa-
gos de teus collegas, para envol-
ver-te nos confins desse myste-
rio, onde não podemos escutar a
vos d'esse verdadeiro amigo!

Sobre a lapida fria de tua se-
pultura, onde desenha-se a vir-
tude e a sinceridade—como pro-
va de eterna lembrança, deixo
cahir da minha fraca lyra e se-
guinte verso:—

—Um tumulto se abriu!—Uma louza branca,
Te indica os restos na mansão do lar,
Esquilos cyprestes a cobrir-te a tampa,
E as sombras desses tu me ves chorar!...

Bidico Rodrigues.

NOTICIARIO

Mais um athleta da imprensa
brasileira acaba de surgir na ci-
dade da Parnahyba, Estado do
Piahy, intitulado o «Lidador».

Apezar de não termos recebi-
do o primeiro numero, onde tra-
çou o seu programma, contudo
podemos affirmar que é politico
e acha-se em opposição a situa-
ção dominante, segundo os es-
criptos em suas columnas inse-
ridos.

Accusando a honrosa visita
do collega, retribuimol-a dese-
jando longa existencia.

Na cidade de Itacoaliara (Ama-
zonas) appareceu na arena jor-
naletica como órgão do munici-
pio, um pequeno jornal deno-
minado o Municipio.

Comprimntamol-o.

Recebemos os seguintes jor-
naes:

O «Cri-cri» da Therezina.
O «Lidador» da Parnahyba.
A «Ordem» de Oeiras.
A «Gazeta Caxiense» de Ca-
xias.

O «Commercio de Caxias» de
Caxias.

A «Gazeta do Codo» de Codo.

O «Norte» da Barra do Codo.
A «Verdade» da Areia (Par-
nahyba).

A «Gazeta Postal» de Belem
(Pará).

O «Diario de Noticias» de Be-
lem (Pará).

A «Revista Elegante» da ca-
pital.

O «Operario» da capital.
Agradecemos.

Em 24 do corrente comple-
ta mais uma risonha primavera
o nosso particular amigo dr.
Almir Nina, distincto clinico
desta capital.

Comprimntamol-o.

A procura de lenitivo a sua
saude seguiu para Therezina o
nosso amigo Egydio de Sá.

Agradecendo a visita de des-
pedida que nos fez desejamos boa
viagem e breve restabelecimento.

Regressou a esta capital o
nosso particular amigo dr. Raul
Machado, distincto redactor do
«Diario de Noticias».

Comprimntamol-o.

GREMIO LITTERARIO MA-
RANHENSE.

Tem funcionado regulamen-
te.

A requerimento do senr. Se-
bastião Nogueira, foi addiada
para a sessão seguinte a these
sobre o—direito da mulher—.

O senr. Raimundo Nina, apre-
sentou uma proposta creando
uma empreza typographica an-
nexa ao mesmo *Gremio*, cujo
capital será de 500\$000, dividi-
do em 50 acções de 10\$000 rs.

Para a commissão a confecção
dos Estatutos da mesma foram
eleitos os socios: Nina, Noguei-
ra e Costa.

Incorreu nas penas do artigo
40 dos Estatutos o socio José
Mello.

Veio fazer-nos a sua despedi-
da o nosso collega e amigo Abe-
lardo Rego) digno representante
do Gremio na capital do Amazo-
nas.

Desejamos boa viagem.

E' nosso representante no Co-
roatá o capitão João da Silva
Serra.

Recebemos e agradecemos o
convite que nos dirigiu o Club
dos Cavalheiros da Epocha, da
qual fazem parte diversos colle-
gas nossos.

Impresso na Typographia a Va-
por da *Parnahyba*.

Orgão do Gremio Litterario Maranhense

Libertas quæ sera, sed libera.

In medio quibus patria nostra.

Anno I

Maranhão, 28 de Julho de 1893

Numero I

EXPOSICION

A Exposição publica de 1893
por nos em das...

Redacção: Parnahyba, 28 de
—Parnahyba, 28 de...

ASSIGNATURAS

Comissão de reis, marcos,
—Parnahyba, 28 de...

PAGAMENTO ADIANTADO

A Exposição publica de 1893
por nos em das...

Redacção: Parnahyba, 28 de
—Parnahyba, 28 de...

ASSIGNATURAS

Comissão de reis, marcos,
—Parnahyba, 28 de...

Redacção: Parnahyba, 28 de
—Parnahyba, 28 de...

Redacção: Parnahyba, 28 de
—Parnahyba, 28 de...

Redacção: Parnahyba, 28 de
—Parnahyba, 28 de...

Redacção: Parnahyba, 28 de
—Parnahyba, 28 de...

Redacção: Parnahyba, 28 de
—Parnahyba, 28 de...

Redacção: Parnahyba, 28 de
—Parnahyba, 28 de...

Redacção: Parnahyba, 28 de
—Parnahyba, 28 de...

Redacção: Parnahyba, 28 de
—Parnahyba, 28 de...

Redacção: Parnahyba, 28 de
—Parnahyba, 28 de...

Redacção: Parnahyba, 28 de
—Parnahyba, 28 de...

Redacção: Parnahyba, 28 de
—Parnahyba, 28 de...

Redacção: Parnahyba, 28 de
—Parnahyba, 28 de...

Redacção: Parnahyba, 28 de
—Parnahyba, 28 de...

Reabrando no meio de ap-
plausos entusiasticos e sen-
que se procedesse a eleição
regular (1); o acclamado
depois de alguma hesitação
cedeu a doce violencia da
vontade popular, e, em res-
posta de thiar, pronunciou
o nome de Gregorio VII.

O *grão mestre* do *Grão*
dante, durante o qual houve
em certa occasião, ao mes-
mo tempo tres papas, pare-
ce ter servido de modelo
para a fundação do Estado
da *Portugalia*, onde ac-
tualmente ha-se dois go-
vernadores.

Para terminar o seu *dis-
curso*, necessarias as deposi-
ções dos papas, João XIII
e Benedicto XIII, e as abdi-
cações de Gregorio VII e Fe-
lise V.

A historia de Portugal nos
offerece a mais curiosa das
deposições—a do santo pa-
droeiro.

Santiago de Compostella
do privilegio de sen protec-
tor de *to* a península Ibe-
rica; portuguezes e hespa-
nhos, faziam do nome do
santo o seu grito de guerra
quando combatiam contra
os arabes.

Com a subida ao throno
da dynastia de Aviz, porém,
Portugal alliviou-se a Ingl-
terra, e, como o santo era
hespanhol, tornou-se sus-
peito ao povo portuguez que
resolveu depol-o de padroeiro,
acclamando, como seu
substituto, a S. Jorge.

D. Sancho II, tendo des-
gostado o povo e o clero, foi
deposto pelo papa Innocen-
cio IV, como suzerano de
Portugal.

D. Afonso VI, foi deposto
pelo irmão D. Pedro, o qual
substituiu-o na posse da
coroa e d' mulher.

Finalmente, D. Miguel, não
satisfeito com o papel de tu-
tor da sobrinha D. Maria II,
promoveu a sua deposição.

Em 1073, o clero e o povo
romano acclamaram papa a

encatou-se ao throno, do
qual sahia a cidade da
convenção de *to* a *Portu-
galia*, depois de ter empregado to-
dos os meios de resis-
tencia.

Para não dar a estas in-
destas notas sobre as depo-
sições, um tom pretencioso
de dissertação, vamos, en-
clur, mostrando que desde
os tempos coloniaes, os
habitantes do vizinho Es-
tado do Pará, semos usen-
tes e viscos, em deposi-
ções, sempre em proveito
das, do elemento militar.

No Pará, tendo o ca-
pitão-mór Francisco Caitei-
ra, consentido na publicação
do seu sobrinho Antonio Ca-
bal que assisinnou as pu-
blicadas, o capitão Alvaro
Netto, a guarnição se revol-
tou, e, *auçillado pelo povo*, o
depôz, e acclamou capitão-
mór a Balthazar Rodrigues
de Mello, brioso capitão do
exercito, o governador-geral
n'lo gostou da graça, e como
meio de resolver a questão,
mandou prender ao accla-
mado e ao deposto (!), e no-
meou capitão-mór a Jeroay-
mo Fragozo.

Per morte deste, succe-
deu-lhe o seu primo Ma-
thias Albuquerque, o qual
foi deposto depois de 20
dias de governo, sendo elei-
to o capitão Custodio Valen-
te; acolthy-lo, pelo Fr. An-
tonio da Merciana!!!

Como o capitão Pedro Tei-
xeira, que tambem tinha
grande influencia no exerci-
to, tivesse *durido sobre a ca-
lidade da eleição* convidaram-
no para o governo, propos-
ta essa promptamente ac-
ceita.

Aqui, por occasião da re-
volução do Bequimão, foi
deposto o capitão Balthazar
Fernandes, o qual ficou pre-
so em casa, tendo por car-
cereira a sua propria mu-
lher, o que, em vez de lison-
jera o capitão-mór, offendeu

estamento, o seu ludo,
e, *auçillado pelo povo*, o
depôz, e acclamou dito, bas-
ta, para de *to* a *Portu-
galia*, depois de ter empregado to-
dos os meios de resis-
tencia.

Para não dar a estas in-
destas notas sobre as depo-
sições, um tom pretencioso
de dissertação, vamos, en-
clur, mostrando que desde
os tempos coloniaes, os
habitantes do vizinho Es-
tado do Pará, semos usen-
tes e viscos, em deposi-
ções, sempre em proveito
das, do elemento militar.

No Pará, tendo o ca-
pitão-mór Francisco Caitei-
ra, consentido na publicação
do seu sobrinho Antonio Ca-
bal que assisinnou as pu-
blicadas, o capitão Alvaro
Netto, a guarnição se revol-
tou, e, *auçillado pelo povo*, o
depôz, e acclamou capitão-
mór a Balthazar Rodrigues
de Mello, brioso capitão do
exercito, o governador-geral
n'lo gostou da graça, e como
meio de resolver a questão,
mandou prender ao accla-
mado e ao deposto (!), e no-
meou capitão-mór a Jeroay-
mo Fragozo.

Per morte deste, succe-
deu-lhe o seu primo Ma-
thias Albuquerque, o qual
foi deposto depois de 20
dias de governo, sendo elei-
to o capitão Custodio Valen-
te; acolthy-lo, pelo Fr. An-
tonio da Merciana!!!

Como o capitão Pedro Tei-
xeira, que tambem tinha
grande influencia no exerci-
to, tivesse *durido sobre a ca-
lidade da eleição* convidaram-
no para o governo, propos-
ta essa promptamente ac-
ceita.

Aqui, por occasião da re-
volução do Bequimão, foi
deposto o capitão Balthazar
Fernandes, o qual ficou pre-
so em casa, tendo por car-
cereira a sua propria mu-
lher, o que, em vez de lison-
jera o capitão-mór, offendeu

estamento, o seu ludo,
e, *auçillado pelo povo*, o
depôz, e acclamou dito, bas-
ta, para de *to* a *Portu-
galia*, depois de ter empregado to-
dos os meios de resis-
tencia.

Para não dar a estas in-
destas notas sobre as depo-
sições, um tom pretencioso
de dissertação, vamos, en-
clur, mostrando que desde
os tempos coloniaes, os
habitantes do vizinho Es-
tado do Pará, semos usen-
tes e viscos, em deposi-
ções, sempre em proveito
das, do elemento militar.

No Pará, tendo o ca-
pitão-mór Francisco Caitei-
ra, consentido na publicação
do seu sobrinho Antonio Ca-
bal que assisinnou as pu-
blicadas, o capitão Alvaro
Netto, a guarnição se revol-
tou, e, *auçillado pelo povo*, o
depôz, e acclamou capitão-
mór a Balthazar Rodrigues
de Mello, brioso capitão do
exercito, o governador-geral
n'lo gostou da graça, e como
meio de resolver a questão,
mandou prender ao accla-
mado e ao deposto (!), e no-
meou capitão-mór a Jeroay-
mo Fragozo.

Per morte deste, succe-
deu-lhe o seu primo Ma-
thias Albuquerque, o qual
foi deposto depois de 20
dias de governo, sendo elei-
to o capitão Custodio Valen-
te; acolthy-lo, pelo Fr. An-
tonio da Merciana!!!

Como o capitão Pedro Tei-
xeira, que tambem tinha
grande influencia no exerci-
to, tivesse *durido sobre a ca-
lidade da eleição* convidaram-
no para o governo, propos-
ta essa promptamente ac-
ceita.

Aqui, por occasião da re-
volução do Bequimão, foi
deposto o capitão Balthazar
Fernandes, o qual ficou pre-
so em casa, tendo por car-
cereira a sua propria mu-
lher, o que, em vez de lison-
jera o capitão-mór, offendeu

estamento, o seu ludo,
e, *auçillado pelo povo*, o
depôz, e acclamou dito, bas-
ta, para de *to* a *Portu-
galia*, depois de ter empregado to-
dos os meios de resis-
tencia.

Para não dar a estas in-
destas notas sobre as depo-
sições, um tom pretencioso
de dissertação, vamos, en-
clur, mostrando que desde
os tempos coloniaes, os
habitantes do vizinho Es-
tado do Pará, semos usen-
tes e viscos, em deposi-
ções, sempre em proveito
das, do elemento militar.

No Pará, tendo o ca-
pitão-mór Francisco Caitei-
ra, consentido na publicação
do seu sobrinho Antonio Ca-
bal que assisinnou as pu-
blicadas, o capitão Alvaro
Netto, a guarnição se revol-
tou, e, *auçillado pelo povo*, o
depôz, e acclamou capitão-
mór a Balthazar Rodrigues
de Mello, brioso capitão do
exercito, o governador-geral
n'lo gostou da graça, e como
meio de resolver a questão,
mandou prender ao accla-
mado e ao deposto (!), e no-
meou capitão-mór a Jeroay-
mo Fragozo.

Per morte deste, succe-
deu-lhe o seu primo Ma-
thias Albuquerque, o qual
foi deposto depois de 20
dias de governo, sendo elei-
to o capitão Custodio Valen-
te; acolthy-lo, pelo Fr. An-
tonio da Merciana!!!

estamento, o seu ludo,
e, *auçillado pelo povo*, o
depôz, e acclamou dito, bas-
ta, para de *to* a *Portu-
galia*, depois de ter empregado to-
dos os meios de resis-
tencia.

Para não dar a estas in-
destas notas sobre as depo-
sições, um tom pretencioso
de dissertação, vamos, en-
clur, mostrando que desde
os tempos coloniaes, os
habitantes do vizinho Es-
tado do Pará, semos usen-
tes e viscos, em deposi-
ções, sempre em proveito
das, do elemento militar.

No Pará, tendo o ca-
pitão-mór Francisco Caitei-
ra, consentido na publicação
do seu sobrinho Antonio Ca-
bal que assisinnou as pu-
blicadas, o capitão Alvaro
Netto, a guarnição se revol-
tou, e, *auçillado pelo povo*, o
depôz, e acclamou capitão-
mór a Balthazar Rodrigues
de Mello, brioso capitão do
exercito, o governador-geral
n'lo gostou da graça, e como
meio de resolver a questão,
mandou prender ao accla-
mado e ao deposto (!), e no-
meou capitão-mór a Jeroay-
mo Fragozo.

Per morte deste, succe-
deu-lhe o seu primo Ma-
thias Albuquerque, o qual
foi deposto depois de 20
dias de governo, sendo elei-
to o capitão Custodio Valen-
te; acolthy-lo, pelo Fr. An-
tonio da Merciana!!!

Como o capitão Pedro Tei-
xeira, que tambem tinha
grande influencia no exerci-
to, tivesse *durido sobre a ca-
lidade da eleição* convidaram-
no para o governo, propos-
ta essa promptamente ac-
ceita.

Aqui, por occasião da re-
volução do Bequimão, foi
deposto o capitão Balthazar
Fernandes, o qual ficou pre-
so em casa, tendo por car-
cereira a sua propria mu-
lher, o que, em vez de lison-
jera o capitão-mór, offendeu

estamento, o seu ludo,
e, *auçillado pelo povo*, o
depôz, e acclamou dito, bas-
ta, para de *to* a *Portu-
galia*, depois de ter empregado to-
dos os meios de resis-
tencia.

Para não dar a estas in-
destas notas sobre as depo-
sições, um tom pretencioso
de dissertação, vamos, en-
clur, mostrando que desde
os tempos coloniaes, os
habitantes do vizinho Es-
tado do Pará, semos usen-
tes e viscos, em deposi-
ções, sempre em proveito
das, do elemento militar.

No Pará, tendo o ca-
pitão-mór Francisco Caitei-
ra, consentido na publicação
do seu sobrinho Antonio Ca-
bal que assisinnou as pu-
blicadas, o capitão Alvaro
Netto, a guarnição se revol-
tou, e, *auçillado pelo povo*, o
depôz, e acclamou capitão-
mór a Balthazar Rodrigues
de Mello, brioso capitão do
exercito, o governador-geral
n'lo gostou da graça, e como
meio de resolver a questão,
mandou prender ao accla-
mado e ao deposto (!), e no-
meou capitão-mór a Jeroay-
mo Fragozo.

Per morte deste, succe-
deu-lhe o seu primo Ma-
thias Albuquerque, o qual
foi deposto depois de 20
dias de governo, sendo elei-
to o capitão Custodio Valen-
te; acolthy-lo, pelo Fr. An-
tonio da Merciana!!!

Como o capitão Pedro Tei-
xeira, que tambem tinha
grande influencia no exerci-
to, tivesse *durido sobre a ca-
lidade da eleição* convidaram-
no para o governo, propos-
ta essa promptamente ac-
ceita.

Aqui, por occasião da re-
volução do Bequimão, foi
deposto o capitão Balthazar
Fernandes, o qual ficou pre-
so em casa, tendo por car-
cereira a sua propria mu-
lher, o que, em vez de lison-
jera o capitão-mór, offendeu

estamento, o seu ludo,
e, *auçillado pelo povo*, o
depôz, e acclamou dito, bas-
ta, para de *to* a *Portu-
galia*, depois de ter empregado to-
dos os meios de resis-
tencia.

Para não dar a estas in-
destas notas sobre as depo-
sições, um tom pretencioso
de dissertação, vamos, en-
clur, mostrando que desde
os tempos coloniaes, os
habitantes do vizinho Es-
tado do Pará, semos usen-
tes e viscos, em deposi-
ções, sempre em proveito
das, do elemento militar.

No Pará, tendo o ca-
pitão-mór Francisco Caitei-
ra, consentido na publicação
do seu sobrinho Antonio Ca-
bal que assisinnou as pu-
blicadas, o capitão Alvaro
Netto, a guarnição se revol-
tou, e, *auçillado pelo povo*, o
depôz, e acclamou capitão-
mór a Balthazar Rodrigues
de Mello, brioso capitão do
exercito, o governador-geral
n'lo gostou da graça, e como
meio de resolver a questão,
mandou prender ao accla-
mado e ao deposto (!), e no-
meou capitão-mór a Jeroay-
mo Fragozo.

Per morte deste, succe-
deu-lhe o seu primo Ma-
thias Albuquerque, o qual
foi deposto depois de 20
dias de governo, sendo elei-
to o capitão Custodio Valen-
te; acolthy-lo, pelo Fr. An-
tonio da Merciana!!!

revolução a revolução fosse
redobrando em grandeza e
brilho!

O cenário apenas trans-
forma-se, porém o drama
é cada vez mais atrahente,
cada vez mais grato: em
1833 via-se um povo ine-
briado pelos effluvis da li-
berdade que em jorro lhe
invadia a alma e que con-
fundia-se com os hymnos
de victoria e com os golpes
desfechados sobre as alge-
mas; hoje, é a recordação
desse acontecimento unico
de nossa historia que se alia
com os folguedos, com
os sons estridentes que mu-
sicos, ebrios de alegria fa-
zem vibrar atravez de seus
metalicos instrumentos, e
como a resea e bella manhã
que parece ter dispersado
muito cedo para trajar as gal-
las mais louças de receber
o augusto hospede:

O DIA 23 DE JULHO.

Saudades.

A memoria de Manoel João Coqueiro
de Vespasios

Quando a doce madrugada
Vem rompendo pelos ceus
Cantamos anjos de Deus
Canta o leão *hem-ti-vi*
E minh'alma se escurrece
Como o mar em serração
E meu triste coração
Oh!... não se esquece de ti!

Quando o sol ao meio dia
Derrama um rai ardente
A areia torra-se quente
Canta a terna *juraty*
Minh'alma torna-se triste
Como a noite de luar
E em meio de seu penar
Oh!... não se esquece de ti!

Quando a tarde tristemente
Vae cahindo no horizonte
Eu elevo a minha fronte
E digo aos seus:—Oh, Senhor!...
Meu amigo que roubaste
Restitue-me, oh, Deus malvado!
Se é teu peito dotado
De largos fachos d'amor!

I. Raposo.

LUZURRAÇÃO MISTO- RICA

Habitos e costumes, legislação
e administração dos Egyp-
cios.

Habitos e costumes.—Os
egypcios era um povo agri-
cultor, industrial e guer-

reiro. Se a fertilidade do solo
lhes offerecia uma cultura
facil, não carecendo assim
de instrumentos aperfeiçoa-
dos, elles todavia chegaram
a um luxo elegante e dis-
pendioso como provam ca-
balmente os objectos que
enchem os museus da Eu-
ropa.

As mulheres, como diz
Herodoto, davam-se ao com-
mercio, e quanto os homens
à fabricação de tecidos. O
rio era o meio natural de
comunicação, e parecem
não terem cultivado a nave-
gação do alto mar. Não usa-
vam de moedas, mas só da
troca dos objectos, ou bar-
ra de metal.

A terra dividia-se entre
os guerreiros, padres e rei,
que erão assim os senhores
do paiz. Alem dos padres e
guerreiros conta ainda He-
rodoto as classes dos pasto-
res, mercadores, interpretes
(entre gregos e nacionaes) e
bateleiros. Muito porém se
tem exaggerado o poder do
regime de castas entre os
egypcios, assegurando que
estas erão perpetuas—isto
é, que o filho do sacerdote
só podia ser sacerdote, e do
guerreiro só guerreiro, e as-
sim successivamente, de sor-
te que um pobre pastor ja-
mais podia passar d'isso.

Mr. Ampère porém demons-
trou que não era tão rigoro-
sa a exclusão das classes
ou castas, por isso que se
encontrão personagens sac-
erdotes que foram também
governadores civis e guer-
reiros e vice-versa. ao me-
nos os casamentos, união e
profissões se davam entre
estas duas classes *sacerdotes*
e *guerreiros* que erão mais
nobres. Os infelizes pastores
de porcos é que soffriam um
verdadeiro ostracismo, pois
que a casta era abominada
pelo resto da nação; o que
não tem razão de ser n'um
paiz como o Egypto, (admit-
tidos mesmos os prejuizos)
onde o porco prestava gran-
de serviço, revolvendo a ter-
ra, humedecida pela en-
chente do rio, e tornando-a
assim mais apta para a cul-
tura, n'um paiz essencia-
mente agricultor.

Diz-nos o mesmo historia-
dor que os egypcios tinham
em horror os estrangeiros
(gregos) a ponto de não to-
carem em objectos provin-
do de um estrangeiro e de
comerem a carne cortada
com ferro estrangeiro. Era
entretanto um povo sadio e
robusto, devido sem duvida

a sua hygie e rigore. A
singularidade de seu clima
java linho e lã, mas só usa-
va nos templos e envolvia
seus mortos de linho; e não
obstante o que disseram os
gregos, elle cultivava a uva
e usava o vinho.

Legislação e administra-
ção.—As leis puniam de
morte o perjurio, como tam-
bem aquelle que podendo
salvar um homem da morte
o não salvava: o denunciante
porém reconhecia de
falsidade tinha a pena que
soffreria a denunciado, sen-
do entretanto todo homem
obrigado a denunciar os cri-
mes, auxiliando o poder pu-
blico. Quando não se possa
contestar victoriosamente o
facto de dizer-se que havia
companhias de ladrões, au-
torisadas pelas leis, com
cujo chefe se devia entender
o prejudicado, que recebia
o valor roubado menos 1/4,
e o que se depara no tempo
de Amasio, é quasi certo
que não se estende aos tem-
pos antigos da monarchia.

O Egypto dividia-se anti-
gamente em provincias que
os gregos chamavam *nome*.
Possuem-se varias listas
d'essas provincias, entre el-
las uma que Mr. Brugsch
achou em 1837 n'um templo
erguido por Sethos, o gran-
de ou Sete I em Abydos.
Mas não se sabe se depois
desse grande rei hou-
vesse divisão administrativa
do paiz, pois já na IV dyna-
stia se nota um grande
funcionalismo. Os padres
exerciam a *magistratura*, ao
menos a alta, e o ensino. E
esta influencia dos padres, a
maioria dos *sacerdotes* do paiz,
e o respeito que a religião
que sempre tiveram os egyp-
cios deviam ser de grande
vantagem para o paiz, con-
tendo os reis, de tão remo-
tos tempos, no caminho da
justiça.

Já vimos que a realza era
hereditaria e que a mulher
subia ao summo poder como
regente ou transmittia a seu
marido a mesma realza.

Recordações

!A' minha irmã Adelina!

Era no campo. Rompera
festival e esplendorosa a al-
vorado, impregnada do tepi-
do e subtil aroma das flô-
res.

Os passarinhos, n'um con-
fuso chilrear, saudavam ale-

gremente o dia, ainda en-
volto nas dobras do crepus-
culo matutino.

O sol, iriando as nuvens,
levantava-se magestoso; pro-
jectando por entre os ramos
das palmeiras douradas te-
las de luz.

Reclinada na janella do
meu pequeno quarto eu via
desdobrar-se o campo mati-
zado de flôres, cheias de
uma vegetação luxuriante e
opulenta, ouvia o languido
murmurio dos riachos; e,
no mysticismo em que me
lançavam aquellas scenas
tão ternas, e porisso mes-
mo inesqueciveis, jul-
guei lobrigar ao longe, entre
tufos de uma nuvem côr de
neve, uma sombra que pro-
mettia-me, meiga e consola-
dora um futuro risinho o
venturoso.

Oh! como é doce a illu-
são!

Com o coração immerso
em um oceano de delicias—
prelibação dos gosos futu-
ros—encaminhei-me para o
jardim, povoado de flôres,
sobre as quaes adejavam mi-
mosas borboletas. Entre as
que curvavam-se docemen-
te aos beijos da travessa
aragem destacava-se uma
roxa; nnica na haste que
parecia orgulhosa em sus-
tental-a. Colhi-a e, depois
de aspirar-lhe a fragancia de-
liciosa, e beijal-a mesmo,
voltei e, entregue a pensa-
mentos deleitosos, quedei-
me a contemplar suas avel-
udadas e camineas pete-
las, cujo aroma suave casa-
va com os sonhos de mi-
nh'alma apenas desbrocha-
da.

Elevada nessa contem-
plação, com os olhos semi-
cerrados, julguei lobrigar ao
longe, entre tufos de nuvens
côr de neve, uma sombra
que promettia-me, meiga e
consoladora, um futuro ri-
sonho e venturoso.

Despertei. Os flôcos neva-
dos haviam desaparecidos.
Viam-se aqui e alli, disper-
sas, algumas nuvens, pardas
e tristes, que moviam-se len-
tamente pelo espaço, e a
meus pés jazia murcha a po-
bre rosa! murcha como as
esperanças que outr'ora me
sorriram!

Oh! como é cruel a reali-
dade!

Itapecurú-inirim.

Marinina Luz.

PRIMEIRO AMOR

POE SEY DE LODY.

(Continuação do n. 5)

A velha, como de costumes, saia per manhã
Macilenta como vampiro, encarnada qual romã.
Olhando de instante e com attenção para traz.
Para não lhe matar o amo, entrando algum rapaz...

Andava concentrada, e pensativa, e de repente
Passa junto d'ella, vergando-se civilmente,
Uma bonita rapariga, uma linda burguezia
Que, pelas vestes parecia ser japoneza.

Ao interrogatorio da velha, diz ser orphã
Que chegou dos subúrbios per manhã,
Tendo perdido o talismã em viagem
E temia que não o apanhasse um pagem.
Pois era sua vida uma mágica historia
E si quizesse saber lhe dissesse onde mora.

E tendo ouvido attentamente a velha pobre,
O assumpto ser predilecto, o seu conto nobre
Reverenciou-lhe um comprimento d'amiga,
Sofrega por saber a nimgromancia antigo
Recommenda-lhe qu'a visite da noite um' hora,
Sette, por exemplo: e assim que mora...

Partiu a apparente menina, a louca camponeza
Em seu espirito já confortado permanecia uma tristeza
Pelo diapreguiçoso: como que parára a terra a rotação...
E a tal *minha*, alheia aos traseantes, esfregava a mão.
N'aquelle momento enraivava...
As insignificantes seivas. Nunca amara... sentiu um esturor:
Era o estro deprimor a refulgir luz e vida a dous corações:
Era a natura abençoada a pôr-lhe a sciencia entre as mãos.
E o amante bravo como Cartão, altivo qual Godofredo.
N'aquell'hora de delirio se visse a minh'alma não teria medo.

Ao chegar em casa a velha,
Já tremendo a jogar cambalhota,
A' menina foi logo avisar
Qu'uma amiga a iria visitar.

Chasona de contente
A velha estava imprudente,
E ao fallar em magia
Então era qu'ella tremia.

A moça com uma attração, com um enleio
Sobre a poltrona —Desdemona reclinada a meio:
Rubrá, resplandecente, meiga e jubilosa
Mostrava-se commovida a joven amorosa,
Minava-lhe o peito as chammas qu'o moço transbordava!
Era evidente signal—sem o conhecer já o amava.
No entanto fallava em uma nova e segunda amiga
Que seria o vaso d'ether a lhe embalsamar a vida!

Era assim que machinalmente o anjo santo,
O anjo do amor lançara o seu subline manto
Sobre rolinhas qu'arruñar não sabiam,
Que viam a luz e nada comprehendiam.
Era assim que Cupido—o deus da via
Unir queria o estremo a querida,
Desvendando d'este modo a innocencia
Tal se fosse posto à natureza immensa.

Um enorme espelho, espelho mui leal
Em que o anjo de candura visse o bem e o mal.

Innocente como Eva, casta como Susana
Ella de esperar sentia dór insana.

São sete horas. Passos laves, subtis e lentos
São trasidos ao interior do quarto pelos ventos
E a donzella estremeceu.—Era o comnubio,
A segredar-lhe no peito, o doce effluvio
No amor, da paz, d'harmonia a luz,
Como o paciente Salvador pregado á Cruz.
Batejava no mundo inteiro a humanidade,
Opprimindo o orgulho e exaltando a verdade.

Entra a preterida menina. O namorado
Entrou e depois d'abraços e beijos ficou em estado
De lethargia tão profunda e tão calada
Que a louca da velha ficou enfadada.

Resoluta ás ondulações da sorte a camponeza,
Com a voz rouca e tremula—encostada a mesa
Dirigia á menina palavras ternas—d'amor,
Fallando, d'entre meio, á velha a lhe causar terror
Com *pithecias*, *pagelancas* e *asneiras*,
Com os melhores modos gestos e maneiras.

Mais do que a velha, o estudante tremia
Nas convulsões do amor e pelo que via:
—Um anjo de cor diaphana, e sorri-o ludio
Como em noites tenebrosas, a aurora d'estio.

Nuven negras dondejavam no firmamento:
Atravez da janella sentia-se um frio vento;
O relampago a fender o ceu de instantes a instantes
Confundia-se com as voses e sorrisos dos amantes:
E a fresca viração do norte era com effeito
Muito mais fria qu'a temperatura do peito
Do feliz rapaz, do desacerbado e amorado,
Que via os seus trabalhos e planos baldados,
Sem poder fazer um gesto que indicasse
A virgem pu'era rapaz, que o amasse.

Chuva torrencial regava o hymispherio
Accidente enorme—celestial ou etherio!...
Soavam dose horas. O ditoso namorado
Não podia agora sair: estava agarrado.

Por proposta da velha, aceita unanimemente,
Determinou que iria dormir juntamente
A camponesa e a virgem, e que cedo,
Ainda de madrugada—fazendo medo
Sairia sem que fosse prescutada...

Assim combinado, a velha boa
Dispensou aos amantes sua pessoa,
E a donzella innocente e sem receio
Em tirando o casaco mostra o seio,
Arfante d'amor e a se lembrar
Do saudoso cantô, do bonito luar.

Olhando em seguida á *companheira*,
E a vendô immovel, com a veste inteira,
Que se dispa lhe diz: E incontinenti
A dama deixa cahir a saia de repente;
E ao desatar da linda cabeça o pano,
Deixa a moça conhecer sem engano
Ser elle um homem, um rapaz lindo,
A virgem de pudor corou, e isto findo
Passaram a noite em declaração e beijo
E eu a terminar isto, aproveito o ensejo!...

—FIM—

As rubras.

(Num baile.)

Parece e murmura a turba estupefacta:
— Que bello lustro a parte imperativa!
— Esta alta e olhar de orgulho, ativo.
— Que nos fazes tu sorrir e aos fracos ma-
ta...

Orienta por vaidade, ar sobreceireiro,
Com uns modos de condessa ou generosa,
Que a turba dos juvenis toda cala,
Ao ver passar a filha do banqueiro.

Mas ao vel-a com um ar de imperatriz,
Chega o velho barão bem comovido
A velha baroneza e baixo diz:

«Quem dizia que a ueta do Bomfim,
Protector de guerrilhas, corrupto,
Virtu a ser tão rica e nobre assim...»

Rio, 26 de junho de 93.

Gonçalves Ferro

Uma pagina amorosa

Se soubesses quanto eu soffro, que calix de amargura eu trago; como meu cerebro se achammaranhado por pensares obtrusos, meu coração o percebe exposto aos dardos do valiente Cupido, as mutilações penetrantes do agudo e cortante gladio de Marte e as meiguices magicas da sorridente Venus, com seu todo sublime e airoso quando surge das espumas esbranquiçadas do mar revoltoso, assentada no seu fulgente throno, puxado por dous galantes pombos brancos como o Cysne Mantuano, talvez que dos teus olhos negros, como a escuridão de uma noite tormentosa, saísse uma restea luz de compaixão para estes passaros que sem norte, sem meta, arroja-se douda, desvairada no espaço e lança-se acremente de encontro a morte que a aguarda! Talvez que escarnecesse do meu soffrir infrene e a teus rubros labios estremeassem em convulsão e zombeteiras gargalhadas!...

Talvez que subjugada pela indiferença que parece ostentar (pura illusão) queiras inflingir-me duros castigos e pesados impostos amorosos...

Talvez que o orgulho, esse vicio depravado da sociedade selecta se apoderasse de se transe de ti, oh poranga divina e então sua influencia faça envolver-me n'esse imbroglío de dór e vergonha, de suspiro e tristeza!...

Sabes o que é amor? O amor—ingenueza metida—é uma setta que quanto mais fere mas captiva é o impossível de comprehensão!...

O amor, é enfim—a peste

que se alastra no Globo ceifando corações juvenis—o cholera implacavel que nos degrada ao intimo e nos planta debaixo da marmorea pedra tumular!...

Linda nanacá entreabre tuas rubras petalas paranelas depositar o rocio do amor—um osculo!

Thémison de Mont'martre.

Sonhando.

Alta noite sonhei e vi-te a beira
Do meu leito sentada me folhando
Do livro amor passado me lembrando
Os gosos d'essa aurora passageira.

A tua musinha linda, felicidade
Como o jasmim que vem desabrochando,
De leve meus cabellos penteando
A commoção trazia, prazenteira.

Tu me sorrias quando eu te fitava.
N'um extase d'amor que abacinava
O coração ardente de desejos...

E m'alagando oh dous longos bellos
Sorvi n'esses teus labios! desperdiçando
Tinha no leito um gato me arranhando...

S. Luiz, 1833.

Herdeira.

ROMANCE TO

O ABRIGO DO MAR

Imitação de um quadro

por

— ZIOR OCIDIB —

(Continuação da 3ª parte).

IV.

O MARINHEIRO

No dia seguinte na solitaria cabana via-se um marinheiro pensativo sentado ao banco já conhecido pelos leitores.

Era Arino.

Aproximou-se d'elle uma mulher que teria seus quarenta annos d'idade. Era morena e sympathica, pelo seu lhar sereno e piedoso, deixava-se traduzir o que lhe ia ao coração—A bondade—

Trazia no hombro um manto de purpura o qual depositou sobre o banco.

—Arino, disse-lhe ella cortando o silencio—Partes para Napoles, deixando aqui a tua inconsolável mãe, cheia de saudades, a espera de tua volta, a qual deve ser tardia—A tua viagem será baldada, —Ilusão não te pertencerá, é rica, o tu pobre, não poderás desposar uma fidalga. Arino, escutando as amaveis palavras de sua mãe, disse-lhe:—Minha querida mãe,—Ilusão ama-me e a outro não amará,—que me importa a riqueza quando o nosso amor é adoptado de riqueza?!... Quando não

(Continua)

NOTICIARIO

Segundo o 16 do corrente no vapor «Manãos», para a Capital Federal, onde vai matricular-se na Academia livre de direito, o distincto estudante Daniel Martins, que foi pelo Gremio nomeado seu representante naquelle localidade.

possa desposar a serei seu escravo, até findar-se a nossa existencia tão perseguida pelo o orgulho d'um homem cuja ambição é desbragada!

—Emquanto dizia elle estas palavras, sua mãe com toda amabilidade, collocou em seu alvo pescoço uma medalha, dizendo, —Esta que é a tua verdadeira mãe!— eu não passo d'uma mulher caridosa que criou-te, dando a esse beneficio o nome santo de—mãe—e continuou,—Uma vez trabalhava no campo quando o chorar d'uma creança despertou-me do silencio em que estava; olhei e não tardei a verte embuçado n'este manto que agora vêdes, trazias no pescoço essa medalha—O teu olhar era compassivo, a tua cor coralina me seduzia; trazias nos labios de creança um sorriso d'ânjo, o teu chorar era proprio dos necessitados e dos peregrinos—Tomei-te nos braços e com toda a minha pobreza, pude deixar-te n'essa idade ingrata em que vaes deixar-me!...

—Tomae! meu filho, este manto, unico thesouro legado por teus pais, os quaes eu e tu desconhecemos; desenrolando o purpurino manto continuou,—Tomae!

Sóis tembein fidalgo!

O sangue da nobreza corre tambem em tuas veias! O teu nascimento é que ignoro; não sei dizer-te!.. Não sei tambem meu querido filho, a causa de te abandonar, deixando em ti vestígios de fidalguia?!...

Arino sinceramente satisfeito com a conversação de sua mãe adoptiva, começou a beijar o retracto que esta lhe dera, dizendo,—Minha mãe, não pude, abraçar-te um dia!—como Moysés fui lançado fóra do templo materno como objecto de pergrinação!... Irei vêr o lugar onde está enterrada a minha tão querida Nympha, para depois seguir o meu incerto destino!

Bôa viagem, e muitas felicidades na carreira que vaes abraçar, são os votos que faz a «Ideia».

Acha-se entre nós o cidadão Valdivino Tito de Oliveira, digno representante do Gremio na cidade de Campo-Maior, Piahy, Comprimetamol-o

Completa hoje mais uma primavera, a Exma. Senra. D. Zeleick Nina, presada irmã do nosso collega R. Nina. Comprimetamol-a.

Em 30 do corrente faz anno, a Exma. Senra. D. Maria O. Borges Veiga, presada mãe do nosso consocio José Fernandes Veiga e dos amigos Dr. João Veiga e Antonio Veiga. Os nossos emboras.

Recebermos os seguintes jornaes:

O «Caixeiro» de Natal (Rio Grande do Norte).

O «Cri-cri» da Theresina.

A «Gazeta Caxiense» de Caxias.

O «Commercio de Caxias» de Caxias.

A «Gazeta do Codo» de Codo.

A «Gazeta Postal» de Belem (Pará).

O «Lidador» da Parna'yba.

O «Norte» da Barra do Godó.

A «Verdade» da Arica (Parna'yba).

Agradecemos.

ARCHIVO LITTERARIO PALMARENSE

Temos sobre a mesa o 2.º numero desse periodico que começou a ser publicado na cidade de Palmares, em Pernambuco, sob a direcção dos jovens Fernandes Gris e Fabio Silva.

Agradecendo a honrosa visita a «Ideia» irá comprimetar esse companheiro de lucta pelas letras.

Longa existencia.

GREMIO LITTERARIO PALMARENSE.

As sessões ordinarias terão lugar nas 1.ª e 3.ª domingas de cada mez.

Haverá sessão extraordinaria no domingo 30 do corrente.

Continua em discussão a these sobre o direito da mulher apresentada pelo sr. Nogueira.

Foi admittido para socio efectivo o sr. Domingos Americo de Carvalho.

Impresso na Typographia á Vapor da Pacotilha.